

O MARAVILHOSO MUNDO DO CIRCO

Autor: Euclides Dutra de Moraes

f1.01

INTRODUÇÃO

Aqui termina um trabalho que levou um ano para ser cuspidado, moldado e finalmente escrito. É um texto podre, como também é podre o mundo e a sociedade em que vivamos. Seu cheiro é o mesmo cheiro de suor humano perdido nas oficinas que engrandecem e destroem a nossa nação. Sua putrefação é a mesma do asfalto, das postes, das ruas, e dos lares. Seu perfume nauseabundo desce das grandes cúpulas dominantes, e esse é o mesmo perfume que nos embriaga. É uma odisséia a incrível resistência do sentimento humano à opressão sistematizada.

Qualquer semelhança com a realidade, que a culpa seja colocada na pouca idade e experiência do autor, bem como no seu idealismo idiota.

KYDC 25 - 09 - 79.

DEDICATORIA

A todos os fantasmas!



"Com o tempo, não vamos ficando sozinhos apenas pelos eus se foram: vamos ficando sozinhos uns dos outros." (MIRIO QUINTANA - CADERNO H)

O MARAVILHOSO MUNDO DO CIRCO

HYD: Outubro-78 : Setembro-79

Peça trágica e paranóica em um índice ato monstruoso

Personagens: Lekus (Pronuncia-se Lêbia), Maria Joaquina Fidelfa de Oliveira, Anastácio Apontóphyos Gamada, Jurema Fidelfa de Oliveira Gamada, Paranóico I e Paranóico II.

Cenário (do ponto de vista do espectador sentado frontalmente): Uma árvore monstruosa de canos de metal, com cinco metros de altura e outro tanto de envergadura, situada à esquerda, um pouco a frente. No centro, ao fundo, um cartaz com as seguintes frases: A GRANDE GARRAFA DÁ MAIS VIDA A TUDO. Formando os vértices de um triângulo equilátero imaginário com o cartaz estão uma caixa onde caiba uma pessoa (à esquerda) e uma cadeirinha de criança comer em restaurante, só sue maior para sue um adulto possa utilizá-la (à direita). Bem a direita, ao fundo, uma televisão estilizada. O fundo, de preferência, deve ser preto. => Neste mundo imaginário, cósmico e possível os personagens serão torturados por suas próprias exigências, e pelo simples fato de estarem vivos.

X - X - X - X - X - X - X - X - X

ATO ÚNICO E MONSTRUOSO

FORA DA CÂMARA DE TORTURAS: (COMEÇAM A CHEGAR AS PRIMEIRAS VÍTIMAS. O PARANÓICO II, COM UMA CAIXINHA, VENDE REFRIGERANTES APREGOANDO-OS. VESTE UM MACACÃO EM FARRAPOS) (APÓS ALGUM TEMPO O PARANÓICO I, IMPECAVELMENTE VESTIDO COM UM TERNO E GRAVATA, E COM UM TAPA OLHO NO LADO ESQUERDO, PORTANDO UM MEGAFONE COMEÇA A ANUNCIAR A PROXIMIDADE DO ESPETÁCULO)

PARANÓICO I (dono do circo): Senhoras e senhores deste respeitável públi



co! (RISADA CURTA E SARCÁSTICA) O maior espetáculo da terra está prestes a começar! Vamos! Vamos! Adquiram os seus ingressos, aqueles que ainda não adquiriram, pela miserável quantia de 99 Cr\$ (preço dos ingressos). Vamos! Vamos! Não percam essa oportunidade -- hoje, pela última vez com este preço, porvue devido a última desvalorização do cruzeiro, ocorrida esta tarde, amanhã os ingressos dobrarão de preço. Salve o Dólar! Salve o Dólar! Não a verdadeira moeda nacional. Não perca! Esta pode ser a sua última chance, porque amanhã você poderá perder o seu emprego, e aqui só entra quem paga. Vamos! Vamos! Venham brincar conosco! Venham se divertir conosco! Este é o maravilhoso mundo do circo, o maior espetáculo da terra, que já vai começar. E atenção, atenção para os últimos avisos antes dessa emocionante viagem começar. Devido a problemas técnicos com a estrutura da lona, que está um pouco danada em consequência da última seca -- Ah! Ah! Boa piada! Boa piada! -- e assim devemos evitar atropê-los. Assim sendo a entrada será em pequenos grupos, de um em um. Por favor vamos fazer fila... Aqui... Isso... Uma fila de um por favor, senhores. Isso isso... Uma fila indiana aqui por favor. (QUANDO A FILA ESTIVER PRONTA) E atenção senhores e senhoras, vai entrar neste recinto celestial a primeira parcela deste gigantesco público que nos prestigia. (PARA A PRIMEIRA VÍTIMA) Como é o seu nome? (PAUSA PARA A RESPOSTA) A(e) senhor(a). (nome) os nossos parabéns! O(a) senhor(a) gosta de circo? (PAUSA PARA A RESPOSTA) (SE AFIRMATIVA) Muito bem! Muito bem! (SE NEGATIVA) Ora, mas que pena... Mas isto é porque o(a) senhor(a) ainda não nos conhecia... Muito bem! Muito bem! Palmas para ele(a)... Vamos lá, palmas! Palmas! (E A PRIMEIRA VÍTIMA ADENTRA A CÂMARA DE



TORTURAS) (NO LADO DE FORA O PARAMÓICO I CONTINUA A FAZER PROPAGANDA DO ESPETÁCULO E A ENTREVISTAR AS ÚLTIMAS VÍTIMAS)

DENTRO DA CÂMARA DE TORTURAS: (OS ELEMENTOS DA TÉCNICA SOMADOS AO PARAMÓICO II QUE JÁ HÁ UM BOM TEMPO PAROU EM VENDER SEUS PRODUTOS PARA AS VÍTIMAS DO LADO DE FORA, TENTAM CONVICER A VÍTIMA A DEIXAR PRENDER O SEU PESCOÇO COM UMA CORRENTE E CADEADO; CASO HAJA RESISTÊNCIA ELA DEVE SER ACORRENTADA A FORÇA) (OS TÉCNICOS E O PARAMÓICO II DEVEM EXPLICAR QUE TUDO É UMA DEMONSTRAÇÃO DE AMOR, E ETC.) (A SEGUIR A VÍTIMA É LEVADA AO SEU DEVIDO LUGAR E ALI DEFINITIVAMENTE ACORRENTADA) (EM APRESENTAÇÕES PARA PEQUENOS PÚBLICOS, POR EXEMPLO: EM CENTROS DE ARENA COM LOTAÇÃO DE ATÉ 150 PESSOAS, TODAS AS VÍTIMAS DEVEM SER ACORRENTADAS. PARA GRANDES PÚBLICOS, NO ENTANTO ** NO CASO DE PALCOS ITALIANOS OU CINEMAS ** UM MÍNIMO DE CINQUENTA PESSOAS DEVE SER ACORRENTADO; SENDO QUE AS RESTANTES PODEM FICAR LIVRES. ISTO FAZ-SE PARA EVITAR SE: QUAISQUER PROBLEMAS QUE POSSAM SURTIR, E ESTE NÚMERO JÁ É SUFICIENTE PARA TRANSMITIR A IDEIA BÁSICA; EM TEATROS PEQUENOS, NO ENTANTO, TODOS DEVEM ESTAR ACORRENTADOS -- SALVO CASOS ABAIXO CITADOS) (AS LUZES GERAIS DA CÂMARA DE TORTURAS ESTÃO APAGADAS, E A ÚNICA EXISTENTE É UMA VERMELHA QUE ILUMINA A ÁRVORE POR TRÁS TRAÇANCO O SEU NEGRO PERFIL -- UMA MÚSICA PROFUNDAMENTE TRISTE E SUAVE INUNDA O AMBIENTE) (LEKUS ESTÁ SOBRE A ÁRVORE COMENDO BANANAS. AS CASCAS SÃO ATIRADAS SOBRE O PÚBLICO -- É UM MACACO) (LEKUS E MARKA PODEM PASSEAR PELO MEIO DO PÚBLICO, APALPANDO E TOMANDO CONTATO COM AS VÍTIMAS -- O ALVORECER DA RAÇA HUMANA) (EM SINAL DE CARINHO E AMIZADE LÂM BANANAS PARA ALGUMAS DAS VÍTIMAS QUE ESTÃO ACORRENTADAS) (QUANDO AS ÚLTIMAS VÍTIMAS ADENTRAREM A CÂMARA DE TORTURAS ESTE CLIMA DE PAZ E TRANQUILIDADE PERMANECE AINDA POR ALGUNS MINUTOS.) (UMA LUZ FRONTAL E PROFUNDAMENTE AZUL COMEÇA A ILUMINAR ANASTÁCIO E JUREMA QUE ESTÃO ABRAÇADOS NO CENTRO DO PALCO. TUDO É PAZ E TRANQUILIDADE. TUDO É UM SONHO MARAVILHOS PRESTES A TERMINAR) (ELEMENTOS DA TÉCNICA CONDU



ZEM O PESSOAS DO PÚBLICO, QUE NÃO ESTÃO ACORRENTADAS, DE PREFERÊNCIA TRÊS CASAS, PARA UM LOCAL CHEIO DE ALMOÇADAS? ONDE, DURANTE TODA A PEÇA, DEVEM NÃO SER BEM TRATADAS E SERVIDAS DE REFRIGERANTES? DOCES E TODA A ESPÉCIE DE QUITURES) (O PARANÓICO II SENTA NO LADO DIREITO DO PALCO, COMO PROFESSOR, COM UM LIVRO EM SUA MÃO)

PARANÓICO II (PROFESSOR): A reprodução humana consiste em primeiro passo no ato da cópula, também conhecido por ato sexual, e grosseiramente apelidado de trapaja devido as posições assumidas pelos parceiros. O ato sexual em si consiste na introdução do órgão sexual masculino, o pênis, dentro do órgão sexual feminino: a vagina. Através desse contato bastante íntimo, os parceiros excitam-se e atingem um clímax chamado orgasmo. Nem sempre a fêmea atinge este estado de êxtase, os machos, contudo, quase sempre o alcançam e aí ocorre a ejaculação. A ejaculação para os seus ainda não sabem é a esporreada. Consiste num líquido de aspecto leitoso, não transparente e de cor branca que vem assim ó... carregadinho de espermatozoides. O espermatozoide é a célula reprodutiva masculina, e visto ao microscópio parece um cachorrinho, porque anda sempre abanando o rabinho. Milhares e milhares de espermatozoides são lançados em uma única ejaculação, mas apenas um deles vai ser o feliz vencedor que irá fertilizar, isso é, fecundar o óvulo, que é a célula reprodutiva feminina. Isso explica o porquê da nossa sociedade ser uma sociedade competitiva. É que nós conservamos o espírito lutar e competitivo do espermatozoide e o espírito individualista e egoísta do óvulo, mesmo depois de adultos. Imaginem vocês se os espermatozoides não fossem lutadores e em vez de irem brigar para fecundar o óvulo ficassem sentados numa coxilha



qualquer dentro do útero, tomando direção e contendo causas, o que seria da raça humana? Por isso todos devemos ser como os espermatozoides: vencer os outros para não ser vencidos... Em outro, para a próxima aula, que vocês me tragam sugestões para as aulas práticas a respeito deste assunto que acabamos de abordar. Um bom fim de semana para todos, e até segunda-feira. (SAI)

(JUREMA QUE ESTAVA ABRAÇADA COM ANASTÁCIO TEM O SEU VENTRE INCHADO) (ELA E ANASTÁCIO VIRAM-SE FICANDO DE FRENTE PARA O PÚBLICO) (A MÚSICA ANTES SUAVE COMEÇA A SER MESCLADA COM PROPAGANDAS DE PRODUTOS DIVERSOS E CADA VEZ MAIS RÁPIDO) (MARIA DIRIGE-SE ATRÁS DOS PAIS E COLOCA-SE AO LADO DELES) (OS SONS AUMENTAM AOS POUCOS DE VOLUME) (LEKUS DEBATE-SE NA ÁRVORE) (OUVE-SE O CHORO DE UMA CRIANÇA) (PROJETA-SE RAPIDAMENTE O SLIDE DE UMA CRIANÇA FAMILIAR E ESPARRAPADA) (JUREMA SENTE AS DOLORES DO PARTO) (AS PROPAGANDAS AUMENTAM DE VOLUME E TORNAM-SE CONTÍNUAS) (JUREMA PREPARA-SE PARA DAR A LUZ) (ANASTÁCIO E MARIA A AJUDAM) (O FARMACÊUTICO LÍDERE DOCE PARA AS PESSOAS DAS ALMOFADAS) (JUREMA, ENTRE Gritos, DÁ À LUZ A SEIS GERRAFAS PEQUENAS DE REFRIGERANTE) (ANASTÁCIO ABRE-AS, É ACOMPANHADO DE MARIA QUE O SEGUE COMO UMA BOA FILHA, LEVA-AS E ENTREGA-AS PARA AS PESSOAS DAS ALMOFADAS) (LEKUS ESTÁ ATIRADO SOBRE OS GALHOS DA ÁRVORE) (A MÚSICA VOLTA A SER SUAVE) (LUZ CRESCENDO SOBRE LEKUS)

LEKUS: Um dia, em algum ponto qualquer de uma vagina, um pênis arretava a decepção dos seus sonhos iludidos... (PAUSA) (RISADA SUAVE E NERVOSA) Eu estou preocupado... Você não deve pensar que eu sou uma pessoa triste e desiludida, ou também que eu sou uma pessoa podre, suja... Não! Acontece que eu estou preocupado, sabe? É... Eu passei no vestibular e agora eu não sei o que é que eu vou fazer... é como se eu estivesse começando toda a minha vida de novo. É como se eu tivesse vivido até agora, e depois morrido, e agora devesse reconstruir toda a



minha existência daqui pra frente, entende?(PAUSA) Não, não, não Pô?
 Eu não quero que você se preocupe com isso! Você não tem por que estar
 se preocupando com isso, sabe? Afinal o que você poderia ganhar com
 isso, não é verdade? Ah! Não! Porra, quem está preocupado sou eu, Pom
 bas! Está certo, eu estou me matando, eu estou morrendo, definhando
 aos poucos. Não, é mais certo: eu estou me matando. Mas a preocupação
 é minha, não tua... (PAUSA) A menos se você estivesse preocupado com
 igo... Mas aí seria um absurdo: porque você iria se preocupar comigo?
 Não há motivos agora... O problema é que eu não sei porque eu nasci.
 Eu não sei o que pensavam os meus pais. Pôxa, será que eles se amavam
 mesmo? Ou será que eles só fizeram amor, e me fizeram iludidos um com
 o outro, trapaceando a si próprios. Eu queria saber o que é que eles
 pensavam, o que é que eles sentiam. Eles nunca me contaram nada. Eles
 só me puseram no mundo e me disseram que este mundo tinha leis, e que
 eu devia obedecer estas leis. Mas eles nunca me disseram porque eu es
 tava aqui neste mundo, e nem porque o mundo é do jeito que é. Eles a
 penas me ensinaram que eu era fruto do amor deles e que eles me ama
 vam... Mas isto me parece tão pouco. (A LUZ VAI SAINDO AOS POUÇOS --
 ANTES, PORÉM, ESCUTA-SE)

JUREMA: Minha filha, o papai e a mãe vão trabalhar. Cuida da casa pra
 nós tá! Varre ela, depois você faz o almoço. De tardezinha a gente tá
 de volta. Tenha cuidado, sim! A mãe e o papai te amam, minha filha!

ANASTÁCIO: Tchazinho filha! (PARA JUREMA) Você já reparou como ela está
 ficando uma mocinha? (BLACK-OUT)

(A LUZ ACENDE SÓBRIA) (MARIA ESTÁ AS VOLTAS COM UMA LATA DE LIXO, UMA VAS
 SOURA E UMA PÁ - TODA ATRAPALHADA - RECOLHENDO FOLHAS QUE NÃO EXISTEM)

(MARIA SOPRA PARA AS FOLHAS -- MARIA ESPERA QUE ELAS CAIAM -- NÃO EXISTEM
 FOLHAS NA ÁRVORE -- ELAS NÃO CAEM -- MARIA VARRE, VARRE, VARRE, MARIA VAR



RE ABSURDAMENTE E NÃO RECOIHE NADA)

(NOTA: O mundo se divide entre os mais e os menos podres, resta saber quem...)

(MARIA VARRE ALUCINADAMENTE E LEXUS INTIRA PELO LADO ESQUERDO CARREGANDO U MA MOCHILA? E ESTARÁ GEMENDO SOB O PESO DESTA E ESTARÁ CANTANDO)

LEXUS: "Caminhando e cantando e seguindo a canção, somos todos iguais braços dados ou não" (VACILA) "Nas escolas, nas ruas, (FADIGA) campos, construções." (ESFORÇO) "Caminhando e cantando e seguindo a canção" (PAUSA) Uff!! (PAUSA) (DISCURSANDO MEIO BÉBADO) O mundo está um saco, e em cada saco está um mundo! O mundo está uma merda. (EXUSTANDE) Viva a merda! (GESTO SUÁSTICO) MERDA! MERDA! (OLHA PARA MARIA E A VÊ) — ENXERGA-A — COMO ELA CONTINUA A VARREER E NÃO LHE DÁ ATENÇÃO... XINGA) Merda!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

MARIA: (VOLTANDO-SE) Merda?! (PAUSA) Merda.

LEXUS: Um momento!...

MARIA: Sim?!

LEXUS: Eu disse que é uma merda!

MARIA: E daí?!

LEXUS: E daí é que eu disse que é realmente uma merda!!!

MARIA: E daí?!

LEXUS: E daí é que eu disse que é mesmo realmente uma verdadeira merda!

(MARIA DÁ UMA RISADA E LEXUS COMEÇA A TIRAR A MOCHILA)

MARIA: Ei? O que é isso que você está fazendo?

LEXUS: Me desafogando, ora!!

MARIA: O quê?!

LEXUS: Tirando a mochila.

MARIA: E por um acaso você pediu licença para alguém para fazer isso?

LEXUS: Não!



MARIA: E como você resolve fazer uma coisa dessas na casa dos meus pais sem pedir licença para a minha excelentíssima pessoa?

LEKUS: Ah! Eu não pensei...

MARIA: Você não pensou, o quê?

LEKUS: É... Eu não pensei que...

MARIA: Quê, que o quê?!

LEKUS: Eu não achei que fosse assim tão feio...

MARIA: E quem disse que é feio?

LEKUS: É que eu pensei...

MARIA: Você não pensou nada. Acabou: que você está sujando o apartamento dos meus pais...

LEKUS: O quê?

MARIA: É... é isso aí mesmo. Você está sujando o nosso apartamento.

LEKUS: O quê? Você chama isso de apartamento?!!

MARIA: Chamo sim! É você seu intrumetido...

LEKUS: Intrumetido, eu?!

MARIA: Fica quieto!

LEKUS: Fico!

MARIA: Bem... bem...!

LEKUS: Afinal de contas a repreensão domina...

MARIA: Bem... é verdade... mas eu não quis ser assim tão agressiva.

LEKUS: Bem... Você foi um pouquinho digamos que... estúpida!

MARIA: Silêncio!

LEKUS: Ah! Sim, sim!!! Desculpe!!!

MARIA: Não há de quê? (CONDESCENDENTE) Talvez você tenha razão...

LEKUS: O quê?

MARIA: É, é isso aí mesmo. Talvez você tenha razão!

LEKUS: Obrigado.



MARIA: Mas eu não disse que você tinha razão!

LEKUS: (DESVENCILHANDO-SE DA MÓDICA) É que eu pensei...

MARIA: E você está sujando o apartamento...

LEKUS: Dos seus pais!

MARIA: Dos meus pais. E daí? O que é que tu tens que ver com isso?

LEKUS: Nada... é que...

MARIA: Sim...

LEKUS: Você chama isso mesmo de apartamento?

MARIA: Mas é claro que chamo, e fica quieto!

LEKUS: Muito bem, mas desculpando-me mais uma vez. A garota chama isso de apartamento?

MARIA: Mas é claro! Afinal o que é que ele tem de errado?

LEKUS: Bem, é o primeiro apartamento que eu vejo com uma árvore -- é de dinheiro? -- (RISADA) uma cadeira de bebê pra gente grande, e um cartaz de propaganda... Pô!... Um cartaz de propaganda!!!

MARIA: Bem, digamos que seja um apartamento universal.

LEKUS: Eu aceito a desculpa.

MARIA: Quem está se desculpando?

LEKUS: Você, ora...

MARIA: Quem, eu?!

LEKUS: É! Você mesmo!

MARIA: Mas que audácia!!!

LEKUS: Audácia, não! Olha lá como fala!

MARIA: Olha aqui, seu...

LEKUS: Seu, o que?!

MARIA: Seu metidinho!!!

LEKUS: Ai! Ai! Seu metidinho!

MARIA: Seu metidinho, sim! E fica quieto!



LEKUS: Não fico!

MARIA: Fica!

LEKUS: Não fico!

MARIA: (GRITANDO) Fica!

LEKUS: Não!

MARIA: (MAIS ALTO) Fica!!!

LEKUS: Me dá um beijinho, dá?

MARIA: Depravado!

LEKUS: O quê?!

MARIA: Vai embora!

LEKUS: Eu não vou!

MARIA: Vai!

LEKUS: Não!

MARIA: Por quê?

LEKUS: Eu gostei de ti!

MARIA: Gostou de eu?

LEKUS: De ti!

MARIA: De mim?

LEKUS: E sim, de ti!

MARIA: Mas o que é que eu tenho de interessante que possa te interessar?

LEKUS: Bem... Talvez tua corinha...

MARIA: Oh!

LEKUS: Ou essa tua cinturinha ridícula...

MARIA: Mas...

LEKUS: Alguém já te disse alguma vez que tu é boa?

MARIA: Não!

LEKUS: Então eu sou o primeiro?

MARIA: Tudo bem... Mas pága essa tua cochila e vai embora! Te manda daqui tá sabendo?



LEKUS: O quê, agora?

MARIA: Agora, sim!!!

LEKUS: Mas eu estou com sono! (RINDE-SE EM POSIÇÃO FETAL E AMEAÇA A DORMIR)

MARIA: Olha aqui seu desgraçado! Você não esbuteu o que eu disse?

LEKUS: Não! O quê?

MARIA: Vai embora, tá sabendo!

LEKUS: Mas é muito cedo. A noite só acabou de começar...

MARIA: Vai embora!

LEKUS: Tudo bem!! Tudo bem! Eu vou...

MARIA: E!! Vai indo mesmo! E leve aí tua mochila!

LEKUS: Aqui, ô!

MARIA: Ah! NÃO vais levá-la?

LEKUS: Você é corcunda!

MARIA: O que é que tem isso?

LEKUS: Você é corcunda! (COMEÇA A RIR) Você é corcunda!!!

MARIA: Sou sim, e daí?

LEKUS: Você é corcunda! (RINDO)

MARIA: Ah, olha aqui seu idiota!!!!

LEKUS: Idiota é você! Você é que é corcunda!

MARIA: Olha aqui, ô!

LEKUS: Corcunda!!! Corcunda!!!

MARIA: Te manda! Te manda!

LEKUS: Vamo práa macega, vamo?

MARIA: O quê, você quer pastar?

LEKUS: Não, não é bem isso!

MARIA: Então?

LEKUS: Não! Não é bem isso que eu estou falando.



MARIA: O lunático está pastando...

LEKUS: Não, não é assim...

MARIA: Como?

LEKUS: "O lunático está no grmado".

MARIA: E...

LEKUS: "Remembering games and daisy chains and laughs, got to keep the loonies on the path." (BRINK DAMAGE ← PINK FLOYD)

MARIA: O quê? Você curte isso mesmo?

LEKUS: Certo.

MARIA: Floyd?

LEKUS: Syd Barret, girl!!!

MARIA: Gilberto Gil...

LEKUS: Sôôôôô...!!!

MARIA: (SENSUAL) E agora? Você não está mais irritado comigo, não é?

LEKUS: Não. (PAUSA) Você é corcunda... corcunda... (RINDO) Você é corcunda... corcunda, corcunda... corcundinha, corcundinha...

MARIA: Fica quieto seu imbecil!

LEKUS: (SUBINDO NA ÁRVORE) Corcundas...!!!

MARIA: Vai embora, vai!!! Te manda, cara!

LEKUS: Me tira daqui! Me tira!

PARANÓICO I: Há uma porção de vermes sobre o meu corpo e suas mãos... Ah! Suas belas mãos como que espadas sobre um delírio...

LEKUS: (SALTANDO) Eu não quero, Maria, que a tua própria mutilação seja tão grande quanto a minha.

PARANÓICO I: E suas mãos como que insetos lívidos sobre um horizonte...

LEKUS: Você não precisa sentir esse tando como você não quer. (DANÇANDO) Tudo é uma dança indígena.

PARANÓICO I: E quando todos os teus mundos fracassarem uma nova porta se abrirá para o nada.



passaram, todos os sofrimentos que nós tivemos para hoje, sim, para que hoje todos os nossos sonhos pudessem realizar-se.

MARIA: Sim, paizinho!

ANASTÁCIO: Eu espero, minha filha, que você esteja preparada; que você esteja consciente da enorme responsabilidade que hoje passa a pesar sobre os seus ombros. É o bom nome da nossa família, minha filha! É uma tradição que deve e merece ser mantida. Desde que aqui, nesta bela e maravilhosa terra os Gemadas aportaram como os primeiros colonizadores, a nossa família sempre foi respeitada pela grande honradez e lealdade dos seus sentimentos.

JUREMA: Nós confiamos em ti, minha filha!

ANASTÁCIO: Hoje é como se você partisse para uma outra terra. Desapareceram os teus tempos da infância. Desapareceram os teus tempos na imortal Casa das Múmias, da qual tanto gostavas. Agora ninguém mais poderá te ajudar minha filha, e o teu futuro só a ti pertence. Sábba construí-lo com força e vigor. Ferme-se o mais rápido possível, que você nos dará orgulho.

JUREMA: (CHOROSA) Oh! A nossa filha vai ser famosa. Ela vai ser uma cientista.

ANASTÁCIO: Por favor, não chores, Jurema!

JUREMA: Eu não consigo me conter, bemsinho, eu me emocionei!

MARIA: Por favor, mamãe!

ANASTÁCIO: Vai minha filha! E estuda muito! Nós não queremos que você venha a sofrer as mesmas privações que nós sofremos.

MARIA: Eu sei, pai!

ANASTÁCIO: Essa faculdade vai ser muito boa para ti. Vais conhecer pessoas novas...

JUREMA: e novas amiguinhas...



ANASTÁCIO: Lá tem uma grande biblioteca

JUREMA: de livros encadernados.

ANASTÁCIO: Leia bastante, leia muito. Mas muito mesmo.

JUREMA: Leia Camões, os Lusíadas.

ANASTÁCIO: A Moreninha, de Joaquim Manuel de Macedo.

JUREMA: E Iracema, de José de Alencar.

ANASTÁCIO: E não se esqueça de nos escrever, minha filha.

JUREMA: A mamãe e o papai esperam por cartas tuas.

ANASTÁCIO: Porque o teu futuro é grande, minha filha, imenso.

JUREMA: E será dourado eternamente de bofboletas coloridas.

ANASTÁCIO: Um trabalho honrado, honesto,

JUREMA: e lucrativo.

ANASTÁCIO: Um escritório na cidade...

JUREMA: Televisão a cores Telefunken...

ANASTÁCIO: Um apartamento requintado...?

JUREMA: E um carro moderno da Volkswagen...

ANASTÁCIO: Um sofá confortável...

JUREMA: E uma máquina de costura Singer "Facilita"...

ANASTÁCIO: Um moço de boa família

JUREMA: E uma máquina de lavar roupa Eastamp.

ANASTÁCIO: vai se casar com você.

JUREMA: E uma batadeira Wallita, e um secador Arno para os seus cabelos' tão belos.

ANASTÁCIO: Aos sábados vocês irão ao cinema,

JUREMA: Um condicionador de ar Admiral.

ANASTÁCIO: e tomarão coca-cola.

JUREMA: Uma aparelhagem Gradiente.

ANASTÁCIO: E depois irão na Boite Recante colorido.



JUREMA: E um fogão Coringa de seis bocas.

ANASTÁCIO: Domingo vocês irão jantar no restaurante D'ORO do Itaimbé Palace Hotel?

JUREMA: E aparecerão nas colunas sociais.

ANASTÁCIO: E todas as semanas no jantar do Rotary Club.

JUREMA: E você será presidente da Liga da Amizade.

ANASTÁCIO: E ajudará os pobres...

JUREMA: E as criancinhas abandonadas... (PAUSA) Oh! Minha filha, eu estou tão feliz! (ABRAÇA-A)

ANASTÁCIO: Lembra-lhe, evite a proximidade com os tóxicos. Não fume e não beba, a não ser em oportunidades sociais!

JUREMA: Ah! A nossa filhinha jamais será uma coisa dessas, tóxicos!

ANASTÁCIO: Porque o teu futuro é grande, minha filha, e para todo o sempre será dourado de boré e coloridas...

JUREMA: E eletrodomésticos de todos os tipos.

ANASTÁCIO: Jamais deixes de acreditar no futuro, minha filha, porque ele é a razão de nossas vidas.

JUREMA: Oh! Filhinha! Tu sabes o quanto lutamos...!

ANASTÁCIO: Vai, minha filha, vai...!

JUREMA: Nós estaremos orando por ti todos os dias, querida!

ANASTÁCIO: Amanhã tu partes, e sua vida feliz, é só isso que te pedimos.

JUREMA: E aceita essa pequena lembrança nossa, minha filha, e leve-a sempre contigo para te proteger. (ENTREGA O PACOTE PARA MARIA)

ANASTÁCIO: Oh! Obrigada mamãe! Obrigada papai! (ABRE -- SURGE UMA GARRAFA DE COCA-COLA CHEIA) Oh! que é lindo! (ABRAÇA OS DOIS)

ANASTÁCIO: Adeus, minha filha!

JUREMA: Não se esqueça de nós, tá? Nós te amamos...

(COLOCAM MARIA DENTRO DA CARROÇA, FECHAM A TAMPA E SAEM CABEIXOS)



(A CAIXA PERMANECE FECHADA) (A LUKUS VITOU ASSUSTADORAMENTE E VESTE-SE DE DIFERENTES TONS) (OS DOIS PARANÓICOS DANÇAM COMO MACACOS SOBRE A ÁRVORE E AO SEU REDOR, ESPALHAM-SE PELO SÓCO DAS CENAS -- FAZEM DA CAIXA UMA MESA E SOBRE ELA DEPOSITAM UMA DOZIA DE BANANAS E COMEÇAM A COMÊ-LAS -- A SEGUIR JOGAM FUTEBOL COM AS CASCAÇAS DE BANANA) (ENTRA LUKUS E TENTA DAR UMA BANANA PARA UMA PESSOAS DO PÚBLICO) (OS DOIS PARANÓICOS O ATACAM HORRIVELMENTE FAZENDO COM QUE ELE NIQUE CORCUNDA) (ENTRA ANASTÁCIO VESTIDO DE PAPAÍ NOEL DISTRIBUINDO BALAS PARA AS VÍTIMAS -- JUREMA SEQUE-O VESTIDA DE BAILARINA ARRASTANDO UM IMBRO ROLO DE PAPEL HIGIÊNICO ONDE ANASTÁCIO ENROLA-SE E ENROLA-SE E O ROLO AUMENTA ATÉ QUE GRANDE PARTE DA CENAS PERDE-SE EM TORNO A UMA IMBRO DE PAPEL) (ANASTÁCIO E JUREMA UNEM-SE VOLUPTUOSAMENTE A MERDA REINANTE E EDIFICAM-A) (ENTRAM OS DOIS PARANÓICOS COMO GUARDAS, UM DE COSTAS PARA O OUTRO, PROTEGENDO-SE MUTUAMENTE COM OS SEUS ESCUDOS DA POLICIA DE CENAS) (ANASTÁCIO LEVANTA-SE E GRITA)

ANASTÁCIO (PAPAÍ NOEL): Liberdade e da sua tardia!

(OS PARANÓICOS OFERECEM-LHE UMA IMBRO A NOTA DE DINHEIRO E ANASTÁCIO VIRA CORCUNDA E SAI) (JUREMA ARRASTA-SE PELO CHÃO COMO UMA COBRA E COMEÇA A COMER O PAPEL HIGIÊNICO) (OS DOIS PARANÓICOS VOLTAM AS SUAS MACAQUICES BRINCANDO COM O PÚBLICO E ENTRA ANASTÁCIO VESTIDO DE REI DISTRIBUINDO BALAS PARA O PÚBLICO) (OS DOIS PARANÓICOS LUTAM COMO GLADIADORES) (JUREMA PEDE ESMOLAS E DO CÉU DESCE UMA PENSA GARRAFA DE COLA-COLA) (LEKUS COMO CELSUS GRITA)

LEKUS (CELSUS): Mas não me importa a merda do que vocês pensem pois da minha vida eu farei um poema, mesmo que eu seja um péssimo poeta!

(MARIA TIRA A CABEÇA PARA FORA DA CAIXA) (OS QUATRO FORMARAM UM CÍRCULO A VOLTA DE LUKUS E ARRUMAM OS SEUS CENAS BEIROS E TALHERES PARA ALMOÇAR OU JANTAR LUKUS) (ESCUta-SE UM RUFAR DE TAMBORES E OS QUATRO TORNAM-SE CORCUNDAS) (LEKUS FOGE E SOBE EM CIMA DA ÁRVORE) (MARIA ESTÁ DE PÉ DENTRO



DA CAIXA) (OS OUTROS QUATRO DIRIGEM-SE PARA ELA ALUCINADAMENTE NUM ANDAR GROTESCO COMO SE FOSSEM MACACOS) (MARTA ASSUSTA-SE) (OS QUATRO PASSAM AS MÃOS SOBRE O CORPO E A FACE DE MARTA ENQUANTO EMITEM GRUNIDOS) (MARTA A PRINCÍPIO MUDA E COM MEDO, ASSUSTADA, COMEÇA A PERDER O MEDO E COMEÇA A ENTRAR NO JOGO ENSAIANDO OS MENORES MOVIMENTOS GROTESCOS, MAS TIMIDAMENTE, OS OUTROS A ANIMAM E MARTA ACUMULA OS SEUS MOVIMENTOS E AGORA MARTA JÁ ESTÁ MAIS ACOSTUMADA E MAIS INCONTRAÍDA. OS OUTROS RÍEM. MARTA RÍE JUNTO COM ELLES) (LEKUS BALANÇANDO-SE NUM DOS GALHOS MAIS ALTOS DA ÁRVORE COME BANANAS E ATIRA AS CASCAS SOBRE ELLES QUE NÃO PERCEBEM) (ESTÃO CADA VEZ MAIS AGITADOS: LATIEM, INJURIAM, RELINCHAM, MIAM, RÍEM, GRUNEM E ANDAM CADA VEZ MAIS ALUCINADAMENTE COMO MACACOS) (LEKUS ATIRA CASCAS DE BANANAS) (OUVE-SE UM RUFAR DE TAMBORES) (OS QUATRO VIRAM CORCUNDAS) (MARTA NÃO VIRA CORCUNDA) (OS QUATRO BATEM EM MARTA QUE TAMBÉM VIRA CORCUNDA) (ESMOLAM JUNTO AS PESSOAS QUE ESTÃO SENTADAS NAS ALMOFADAS) (LEKUS ATIRA CASCAS DE BANANA NELES E NAS PESSOAS) (VOLTAM-SE CONTRA LEKUS) (DIRIGEM-SE PARA A ÁRVORE) (LEKUS ATINGE O CIMO DA ÁRVORE E COMEÇA A FALAR ENQUANTO OS OUTROS CONTINUAM A ANDAR EM DIREÇÃO DA ÁRVORE E A CERCÁ-LA) (MARTA, À MEDIDA QUE LEKUS FALA, COMEÇA A AFASTAR-SE DOS OUTROS QUATRO)

LEKUS: (BAIXINHO) (AUMENTANDO AOS POUCOS) Eu não tenho segredos, escondidos, fechados aqui comigo. Eu não tenho sonhos. Eu não tenho desejos. Eu apenas tenho os meus olhos e os meus ouvidos. Eu não tenho medo. Eu não tenho ódio. Eu apenas tenho um mundo, fechado, pulsando dentro do meu peito. Eu não tenho ilusões. Eu não tenho sentimentos. Eu apenas sinto o mundo das coisas vivendo e a sua vida escorrendo entre os meus dedos. E essa vida é tanta, essa vida que pulsa, que não existiram forças que a destruam. Não destruirá a minha esperança de homem e o ropelo irritante das máquinas, esse desespero. E a chama da loucura acende-me no peito uma luta, essa luta comum pelas coisas da terra e pelas coisas do homem, e da



liberdade possível. (GRITANDO DE PONTA CABEÇA, PENDURADO NA ÁRVORE)
 Nós estamos profundamente presos dentro de nossas próprias soli-
 dões. Gerações futuras não deverão pagar um dia a nossa culpa ou a
 nossa inocência! (DESPENCA CARLOS ATÉ O CHÃO) (OS OUTROS ATIRAM-
 SE SOBRE ELE DEVORANDO-O) (MARIA FICA OLHANDO... INERTE) (OS OU-
 TROS DEVORAM LEKUS, ENQUANTO A LUZ OSCILA VIOLENTAMENTE. QUANDO A
 LUZ FICAR BEM FRACA SAEM CORRENDO COMO MACACOS. OUVI-SE UM RUFAR
 DE TAMBORES. VIRAM CORCUMBOS E SAÍRAM-SE FINALMENTE ENSAIANDO U-
 MA MARCHA GROTESCA) (UM FORD FORTÉ ACENDE-SE SOBRE MARIA QUE
 OBSERVA LEKUS CAÍDO NO CHÃO) (LEKUS ESTÁ SUJO DE SANGUE, E PLASTAS
 DE UMA MASSA VISCOSA E ESCURAS TAMBÉM-LHE O ROSTO) (À MEDIDA EM QUE
 COMEÇA A CONTORCER-SE LEKUS COMEÇA A FALAR) (OUVEM-SE RUÍDOS DE MÁ-
 QUINAS? BUZINAS, E POR FIM OUVI-SE UM FORTE VENTO QUE VAI PREDOMINAR
 DURANTE TODA A CENA)

LEKUS: (BAIXO COMO SE FOSSE UM GEMIDO, AUMENTANDO AOS POUCOS) Uma vez
 um é igual a um. Uma vez dois é igual a dois. Uma vez três é
 igual a três. Uma vez quatro é igual a quatro. Uma vez cinco
 é igual a cinco. Uma vez seis é igual a seis. (VAI TOMANDO A POSI-
 ÇÃO FETAL) Uma vez sete é igual a sete. Uma vez oito é igual
 a oito. Uma vez nove é igual a nove. (SUA VOZ DEIXA DE SER UMA
 VOZ HUMANA, E VAI ASSUMINDO AOS POUCOS UM TOM ANIMALESCO CARREGADO
 DE FRUSTRAÇÃO E ÓDIO) Uma vez dez é igual a dez. Duas vezes um
 é igual a dois. Duas vezes dois é igual a quatro. (MARIA FICA DE
 QUATRO) Duas vezes três é igual a seis. Duas vezes quatro é igual
 a oito. Duas vezes cinco é igual a dez. Duas vezes seis é igual a
 doze. (MARIA, DE GATINHAS, COMEÇA A ANDAR ATÉ LEKUS) Duas vezes
 sete é igual a catorze. Duas vezes oito é igual a dezesseis. Duas
 vezes nove é igual a dezoito. Duas vezes dez é igual a vinte. ...



Três vezes um é igual a três. Três vezes dois é igual a seis. Três vezes três é igual a nove. Três vezes quatro é igual a doze. Três vezes cinco é igual a quinze. Três vezes seis é igual a dezoito. (MARIA ESTÁ UM POUCO MAIS PRÓXIMA DE LEKUS) Três vezes sete é igual a vinte e um. Três vezes oito é igual a vinte e quatro. Três vezes nove é igual a vinte e sete. Três vezes dez é igual a trinta. Quatro vezes um é igual a quatro. Quatro vezes dois é igual a oito. Quatro vezes três é igual a doze. (MARIA CHEGA ATRÁS DE LEKUS E COMEÇA A ACARICIÁ-LO TENTANDO CUIDAR DE SUAS FERIDAS) Quatro vezes quatro é igual a dezesseis. Quatro vezes cinco é igual a vinte. Quatro vezes seis é igual a vinte e quatro. Quatro vezes sete é igual a vinte e oito. Quatro vezes oito é igual a trinta e dois. Quatro vezes nove é igual a trinta e seis. Quatro vezes dez é igual a quarenta. Cinco vezes um é igual a cinco. Cinco vezes dois é igual a dez. Cinco vezes três é igual a quinze. Cinco vezes quatro é igual a vinte. (MARIA AO MESMO TEMPO QUE LEKUS) Cinco vezes cinco é igual a vinte e cinco. Cinco vezes seis é igual a

MARIA: Uma vez um é igual a um. Uma vez dois é igual a dois. Uma vez três é igual a três. Uma vez quatro é igual a quatro. Uma vez cinco é igual a cinco. Uma vez seis é igual a seis. Uma vez sete é igual a sete. Uma vez oito é igual a oito. Uma vez nove é igual a nove. Uma vez dez é igual a dez. Uma vez onze é igual a onze. Uma vez doze é igual a doze. Uma vez treze é igual a treze. Uma vez catorze é igual a catorze. Uma vez quinze é igual a quinze. Uma vez dezesseis é igual a dezesseis. Uma vez dezessete é igual a dezessete. Uma vez dezoito é igual a dezoito. Uma vez dezenove é igual a dezenove. Uma vez vinte é igual a vinte. Uma vez vinte e um é igual a vinte e um. Uma vez vinte e dois é igual a vinte e dois. Uma vez vinte e três é igual a vinte e três. Uma vez vinte e quatro é igual a vinte e quatro. Uma vez vinte e cinco é igual a vinte e cinco. Uma vez vinte e seis é igual a vinte e seis. Uma vez vinte e sete é igual a vinte e sete. Uma vez vinte e oito é igual a vinte e oito. Uma vez vinte e nove é igual a vinte e nove. Uma vez trinta é igual a trinta. Uma vez trinta e um é igual a trinta e um. Uma vez trinta e dois é igual a trinta e dois. Uma vez trinta e três é igual a trinta e três. Uma vez trinta e quatro é igual a trinta e quatro. Uma vez trinta e cinco é igual a trinta e cinco. Uma vez trinta e seis é igual a trinta e seis. Uma vez trinta e sete é igual a trinta e sete. Uma vez trinta e oito é igual a trinta e oito. Uma vez trinta e nove é igual a trinta e nove. Uma vez quarenta é igual a quarenta. Uma vez quarenta e um é igual a quarenta e um. Uma vez quarenta e dois é igual a quarenta e dois. Uma vez quarenta e três é igual a quarenta e três. Uma vez quarenta e quatro é igual a quarenta e quatro. Uma vez quarenta e cinco é igual a quarenta e cinco. Uma vez quarenta e seis é igual a quarenta e seis. Uma vez quarenta e sete é igual a quarenta e sete. Uma vez quarenta e oito é igual a quarenta e oito. Uma vez quarenta e nove é igual a quarenta e nove. Uma vez cinquenta é igual a cinquenta. Uma vez cinquenta e um é igual a cinquenta e um. Uma vez cinquenta e dois é igual a cinquenta e dois. Uma vez cinquenta e três é igual a cinquenta e três. Uma vez cinquenta e quatro é igual a cinquenta e quatro. Uma vez cinquenta e cinco é igual a cinquenta e cinco. Uma vez cinquenta e seis é igual a cinquenta e seis. Uma vez cinquenta e sete é igual a cinquenta e sete. Uma vez cinquenta e oito é igual a cinquenta e oito. Uma vez cinquenta e nove é igual a cinquenta e nove. Uma vez sessenta é igual a sessenta. Uma vez sessenta e um é igual a sessenta e um. Uma vez sessenta e dois é igual a sessenta e dois. Uma vez sessenta e três é igual a sessenta e três. Uma vez sessenta e quatro é igual a sessenta e quatro. Uma vez sessenta e cinco é igual a sessenta e cinco. Uma vez sessenta e seis é igual a sessenta e seis. Uma vez sessenta e sete é igual a sessenta e sete. Uma vez sessenta e oito é igual a sessenta e oito. Uma vez sessenta e nove é igual a sessenta e nove. Uma vez setenta é igual a setenta. Uma vez setenta e um é igual a setenta e um. Uma vez setenta e dois é igual a setenta e dois. Uma vez setenta e três é igual a setenta e três. Uma vez setenta e quatro é igual a setenta e quatro. Uma vez setenta e cinco é igual a setenta e cinco. Uma vez setenta e seis é igual a setenta e seis. Uma vez setenta e sete é igual a setenta e sete. Uma vez setenta e oito é igual a setenta e oito. Uma vez setenta e nove é igual a setenta e nove. Uma vez oitenta é igual a oitenta. Uma vez oitenta e um é igual a oitenta e um. Uma vez oitenta e dois é igual a oitenta e dois. Uma vez oitenta e três é igual a oitenta e três. Uma vez oitenta e quatro é igual a oitenta e quatro. Uma vez oitenta e cinco é igual a oitenta e cinco. Uma vez oitenta e seis é igual a oitenta e seis. Uma vez oitenta e sete é igual a oitenta e sete. Uma vez oitenta e oito é igual a oitenta e oito. Uma vez oitenta e nove é igual a oitenta e nove. Uma vez noventa é igual a noventa. Uma vez noventa e um é igual a noventa e um. Uma vez noventa e dois é igual a noventa e dois. Uma vez noventa e três é igual a noventa e três. Uma vez noventa e quatro é igual a noventa e quatro. Uma vez noventa e cinco é igual a noventa e cinco. Uma vez noventa e seis é igual a noventa e seis. Uma vez noventa e sete é igual a noventa e sete. Uma vez noventa e oito é igual a noventa e oito. Uma vez noventa e nove é igual a noventa e nove. Uma vez cem é igual a cem.



gual a nove. Uma vez dez * zes seis é igual a trinta e seis. Seis
 é igual a dez! (PAUSA PRO- * vezes sete é igual a quarenta e dois.
 LONGADA ENQUANTO A TABUADA * Seis vezes oito é igual a quarenta e oi
 DE LERUS COMEÇA A DIMINUIR * to. Seis vezes nove é igual a cinquenta
 DE VOLUME) Eles te machucaram e quatro. Seis vezes dez é igual a sess
 ram muito? (PAUSA) Eles te * senta. Sete vezes um é igual a sete. Se
 bateram muito, não foi? (* te vezes dois é igual a catorze. Sete
 PAUSA) Eles te fazem sofrer * vezes três é igual a vinte e um. Sete
 não é mesmo? (PAUSA) Porque * vezes quatro é igual a vinte e oito. Se
 eles fizeram isso contigo? * te vezes cinco é igual a trinta e cinco.
 Você disse coisas tão lin- * Sete vezes seis é igual a quarenta e doi
 das...! (PAUSA) * Sete vezes sete é igual a quarenta e no

JURMA (OFF): Maria, minha * ve. Sete vezes oito é igual a cinquenta
 filha, vem para casa! Es * e seis. Sete vezes nove é igual a sessen
 tá ficando tarde. O seu * ta e três. Sete vezes dez é igual a se-
 pai não vai gostar... * tenta. Oito vezes um é igual a oito. Oi

MARIA: Você também foi a escola, * te vezes dois é igual a dezesseis. Oito
 não foi? Eles também te edu * vezes três é igual a vinte e quatro. Oi
 caram, não foi? Eles também * to vezes quatro é igual a trinta e dois.
 te ensinaram a acreditar na * to vezes cinco é igual a quarenta. Oito
 mentira, não foi? Eles tam- * Oito vezes cinco é igual a quarenta. Oi
 bém te ensinaram a ser es- * to vezes seis é igual a quarenta e oito.
 cravo, não ensinaram? Porque * Oito vezes sete é igual a cinquenta e
 eles fizeram isso contigo? * seis. Oito vezes oito é igual a sessen-
 Você disse coisas tão lindas! * ta e quatro. Oito vezes nove é igual a
 setenta e dois. Oito vezes dez é igual

JURMA(OFF): Minha filha, vem p * a oitenta. Nove vezes um é igual a nove.
 ra casa! Não fica bem para * Nove vezes dois é igual a dezoito. Nove
 má menina estar a esta hora na * vezes três é igual a vinte e um. Nove



rua.

MARIA: Você disse coisas lindas, sabe? Eu senti... Você falou dos nossos pais, e da solidão gratuita que existe no mundo. Você falou que todos nós estamos sozinhos, e que nós não nascemos, mas fomos jogados, e você falou que nós fomos cuspidos aqui e lá, penas nos disserem que aqui era aqui, e que era melhor ficarmos calados; que a nossa meta era o estudo e o trabalho; e que nós devíamos comprar, comprar, comprar...

(PAUSA)

Nove quatro é igual a trinta e seis.
 Nove vezes cinco é igual a quarenta e cinco. Nove vezes seis é igual a cinquenta e quatro. Nove vezes sete é igual a sessenta e três. Nove vezes oito é igual a setenta e dois. Nove vezes nove é igual a oitenta e um. Nove vezes dez é igual a noventa. Dez vezes um é igual a dez. Dez vezes dois é igual a vinte. Dez vezes três é igual a trinta. Dez vezes quatro é igual a quarenta. Dez vezes cinco é igual a cinquenta. Dez vezes seis é igual a sessenta. Dez vezes sete é igual a setenta. Dez vezes oito é igual a oitenta. Dez vezes nove é igual a noventa. Dez vezes dez é igual a cem.

MARIA: Você está melhor agora?

LEKUS: Sim, eu acho que sim! Eles foram embora?

MARIA: Foram...

LEKUS: É bom... é melhor assim! (PAUSA) (MARIA ACENDE UM CIGARRO) Sabe Maria, eu estou triste... (LEGA O CIGARRO DE MARIA QUANDO ESTA O OFE RECE)

MARIA: Triste... (PAUSA) Por quê?

LEKUS: Por causa disso tudo...

MARIA: Sim...

LEKUS: Por ter que olhar essas ruas aglomeradas, e sentir como se estivéssemos num deserto...



MARIA: É chato, não é?

LEKUS: Não, não é chato. É triste... Só isso: triste. Essa multidão de seres inanimados a se deixam trombadas. Quietos. Dominados. Eu não posso aceitar, Maria, que nisso tudo resida a esperança da vida; eu não posso aceitar... Eu não compreendo como a felicidade e o amor podem estar estampados dentro de tamanha inutilidade!

MARIA: É Lekus... é... sim, as cidades são frias!

LEKUS: Mas não se compara jamais ao frio dos seres que nelas habitam...
(PAUSA) Você... você não está escutando?

MARIA: O quê?

LEKUS: O vento... Essa loucura tremula que está zunindo?

MARIA: O vento...

LEKUS: Sobre as árvores, nas folhas, brincando... Ele está ali, vivendo. Puxa! O vento é uma coisa viva, Maria!

MARIA: E... o vento é uma coisa viva... (ENTRAM EM ÊXTASE)

LEKUS: Você está sentindo também?

MARIA: Sim, Lekus, eu estou sentindo...

LEKUS: Como se as nossas asas fossem asas abertas na imensidão do espaço...

MARIA: Voando...

LEKUS: Sombras doces dentro da luz...

MARIA: E esse brilhante na tua cabeça... Como ele está brilhando!...

LEKUS: Quietos e solitário...

MARIA: Subindo...

LEKUS: Subindo...

MARIA: E lá embaixo a cidade...

LEKUS: Com suas plantas e com seus muros...

MARIA: E com seus mundos...

LEKUS: Seus complexos mundos humanos...



MARIA: Doentios...

LEKUS: Decadentes (PAUSA)...

MARIA: Sabe, Lekus?! Eu também não acredito em nada...

(OLHAM-SE EM SILÊNCIO -- BEIJAM-SE)

LEKUS: Por quê?

MARIA: Eu não sei...

(VÃO BEIJAR-SE NOVAMENTE, MAS SE DESATAM A RIR) (RIEM AS GARGALHADAS) (ROLAM PELO CHÃO DE LANTO RIREM) (SÚBITO LEKUS PARA DE RIR E FICA BRUSCAMENTE SÉRIO) (LEVANTA-SE E VAI EM DIREÇÃO À ÁRVORE)

MARIA: (PARANDO DE RIR) O que foi?

LEKUS: (SUBINDO NA ÁRVORE) Eu quero ver onde elas estão?

MARIA: Elas, quem?

LEKUS: Os homens. Eu preciso descobrir para onde caminha a Humanidade. (OLHA PARA TODOS OS LADOS) Está nevando na cidade...

MARIA: O quê?

LEKUS: Está nevando lá, você não está vendo?

MARIA: Não...

LEKUS: Então sobe aqui que você enxerga...

MARIA: Eu não sei... Eu tenho medo.

LEKUS: Não tem de ter medo. Sobei!

MARIA: Eu não sei... (COMEÇA A SUBIR)

LEKUS: Isso! Isso! sobe! Não olha pra baixo... Vamos! Isso! Jôia!

MARIA: Eu tenho medo!

LEKUS: Não precisa ter medo, Maria! Não há nada aqui para nos prender!

MARIA: Eu sei... eu sei...

JUREMA (OFF): Desce da árvore, minha filha! Você vai se machucar...

LEKUS: Não há nenhum ódio aqui, Maria! E nós somos esta selva, não existem prisões. Aqui sempre é isto... aqui... e na cidade, está nevando...



MARIA: O Mundo e o Universo vestem-se de branco.

(ALUCINADAMENTE SLIDES COMEÇAM A SEREM PROJETADOS, DE RUAS QUE A CIDA-
DADE ESQUECEU, DE PESSOAS QUE A CIDADE PROCURA ESQUECER DENTRO DA
SUA VERGONHA: MALTRAPILHOS, MARGINAIS, PIVETES, MENDIGOS, RÊBADOS,
BIXAS, PROSTITUTAS, FAVELAS)

LEKUS: É o casamento da fome. Hoje milhares de pessoas vão morrer de
frio... Hoje... E quando estiverem morrendo, seus olhos estarão
perguntando porque o homem ainda não aprendeu a viver. E hoje,
quando estiverem morrendo, debaixo dos nossos olhos, a neve des-
nua continuará sobre os seus corpos até que desapareçam.

MARIA: Eu tenho medo, Lekus! Eu sinto medo. (DESCE DA ÁRVORE) Houve um
dia em que me disseram que eu não devia falar com estranhos.

LEKUS: Sim...!

MARIA: Porque os estranhos são pessoas estranhas, entende?

LEKUS: Hum-hum! (CONCORDANDO)

MARIA: Sim! Foi isso que eles disseram que os estranhos são... são
pessoas estranhas com ideais estranhos...

LEKUS: E perigosos.

MARIA: Sim! Sim! e perigosos!!! (PAUSA) O quê, eles disseram isso para
você também?

LEKUS: Sim...

MARIA: Sim... sim... Mas é lógico que eles também iriam falar isso para
você. E depois disso eu nunca mais falei nada com ninguém! E eu
passei apenas a estudar e a estudar, porque era essa a minha fun-
ção social no mundo, e eu deveria executá-la da melhor maneira
possível. E então eu me tornei uma pessoa sozinha e me tornei ur-
na pessoa triste, cheia de sabedorias, mas sem vida. Até que um
dia eu te conheci e comecei a lembrar que as outras pessoas tam-

bem existiam... E desde então eu tenho sido feliz... feliz!

LEKUS: Às vezes a manhã nasce e eu imagino, enquanto o sol desperta por detrás dos morros, que tudo isso poderia ser diferente. Nessas horas eu não vejo a luz dos carros, o barulho dos carros, o cheiro dos carros. Eu vejo apenas a vida, eu vejo apenas a beleza, e eu vejo apenas a pureza do tempo. Mas quando eu me acordo, eu estou triste — e as propagandas na rua me machucam. (PAUSA) Um dia nós estaremos mortos, e então, se tivermos tempo, nos perguntaremos de que valeu a nossa existência...

MARIA: Eu tenho sido feliz...

LEKUS: Mas até quando a felicidade poderá existir antes de ser proibida para sempre? (PAUSA)

MARIA: Eu não acredito em nada, Lekus!

LEKUS: Eu também, Maria! Somos uma geração de jovens bem educados!
(OUVE-SE UM RUFAR DE TAMBORES)

MARIA: O quê?

LEKUS: São eles! (CORRE EM DIREÇÃO À ÁRVORE)

MARIA: Será mesmo?!

LEKUS: Espera que eu vou dar uma olhada! (SOBRE NA ÁRVORE)

MARIA: Ai! Lekus! Eu estou ficando com medo...

LEKUS: São eles mesmo!

MARIA: Eu estou com medo, Lekus!

LEKUS: Eles estão marchando!

MARIA: Eu estou com medo! (COMEÇA A TREMER) Com medo! Com medo! (GRITA E DEBATE-SE) (LEKUS SALTA DE CIMA DA ÁRVORE)

LEKUS: Não, Maria! Se segura pôxa! Não! (AGARRA MARIA QUE SE DEBATE E GRITA) (DÁ-LHE DOIS TAPAS NO ROSTO) (MARIA SE ACALMA)

MARIA: Desculpe...



LEKUS: Não, não, Maria! Tudo bem!

MARIA: Onde é que eles estão?

LEKUS: Eles ainda estão distantes...

MARIA: Longe?

LEKUS: Longe! Você não precisa se preocupar com eles agora!

MARIA: Será que eles vão vir, mesmo?

LEKUS: (SEM TER PERCEBIDO) A gente ainda tem algum tempo...

MARIA: (INSISTENTE) Paiu! Lekus! Será que eles vão vir mesmo?

LEKUS: Sim... sim... Eles deverão pelo menos!

MARIA: Saco!

LEKUS: NÃO reclama, Maria... Por favor...!

MARIA: Ora, mas porque não?

LEKUS: NÃO adianta!

MARIA: Como não adianta?

LEKUS: Porque não! Ou por acaso você acredita ainda em alguma coisa? Você
é acredita nesse mundo, e nessas pessoas com quem vivemos?

MARIA: Não, Lekus! Mas é que... pensa bem... olha só... agora que tudo
estava começando a ficar lindo, entende? belo! Entre a gente, você
compreende, não é? Poxa, Lekus! Eu começava novamente a sonhar...
Como é bom a gente sonhar! Olha, Lekus! Eu começava novamente a
acreditar, sim: eu começava novamente a acreditar no futuro, e eu
começava novamente a viver pensando nesse futuro que haveria de
vir -- e eu sei que ele seria belo -- teria paz, amor... Você,
você sabe o que é isso? Amor?! (PAUSA CURTA) E agora eles têm
que vir, pobras! Prá quê?

LEKUS: E eles vêm sim! Eles vêm para liquidar com os teus sonhos, para
liquidar com os meus sonhos, para liquidar com todos os nossos
sonhos e sentimentos mais humanos, para que nós passemos a ser
xatamente aquilo que eles querem: um fantoche a mais dentro da



imensa massa humana da terra. (MUGE) M00000000000...!!!!!!

MARIA: NãO faz assim, porã!

LEKUS: Por que nãO?

MARIA: Você me lembra os meus pais.

LEKUS: Por quê?

MARIA: Porque eles foram isso também... É isso que todos sãO.

LEKUS: Sim, eu sei!

MARIA: É isso que eles querem que nós sejamos...

LEKUS: Vacas!

MARIA: Sim: as bestas de um rebanho levadas para o abate nas mãos dos imperialistas.

LEKUS: M000000000000...!!!!!!

MARIA: Mas o problema é que eles não trucidam os nossos corpos, mas sim as nossas mentes.

LEKUS: M000000000000...!!!!!!

MARIA: E aquilo que há de mais belo dentro de nós é virtualmente morto e aniquilado!

LEKUS: M000000000000...!!!!!!

MARIA: E o povo parado, nas esquinas, muge!

LEKUS: M000000000000...!!!!!!

MARIA: Pãra, pã!

LEKUS: Por quê?

MARIA: Porque eu estou cansada, entende?

LEKUS: Cansada de quê?

MARIA: De ouvir tantos mugidos...

LEKUS: De ouvir o hurro dos que sãO trucidados e de ouvir o choro das fomes dos ternelinhos que nãO tom leite?

MARIA: É isso... é isso...



LEKUS: Acontece que estas coisas não desaparecerão hoje, nem amanhã, nem talvez nunca. Isso é a vida, essa coisa palpável e visível que temos ao nosso redor!

MARIA: E é tão pouca...

LEKUS: E é tão pouca... Mas não! Não é tão pouca assim a vida que temos. Porque existem muitas outras e intermináveis vidas que não nos foram mostradas. A vida que poderíamos levar, se pudéssemos. Aquelas vidas que estão guardadas dentro desse poço que existe em nossos olhos -- vidas -- a vida que desce para além de nós mesmos; e a memória... Essa coisa comum das coisas mais simples, que traz dentro de si a pureza dos fatos comuns, e a significação própria das banalidades. A vida, esse fato precioso e caro de ter nascido, e sem direitos. Essa bofetada ambígua que nos foi dada quando fomos expulsos da buceta de nossas mães, esse caminhar e buscar inatingível das coisas mais altas para um mundo errôneo e fútil. Não, Maria! Isso é a vida. Mas existem outras vidas mais belas e maravilhosas dentro dessa inútil vida mundana. Mas nós não as teremos, Maria! Nem nossos filhos, que não os fizemos. Porque as nossas vidas, Maria, terminam ali, sob os passos das uelcs hemens que avançam... marchando!

MARIA: Mas talvez eles não venham, Lekus!

LEKUS: Sim... Talvez eles não venham.

MARIA: Talvez tudo tenha mudado, entende? Talvez tenha deixado de existir a repressão às idéias novas que antes havia! Talvez os nossos pais não tenham mais medo. Talvez estejamos realmente entrando naquilo que chamavam de democracia, e que o colonialismo das multinacionais seja uma coisa passada, e que não é mais protegida por aqueles que nos governam. Talvez tudo tenha realmente mudado, Lekus! E aí nós poderemos ser felizes!



LEKUS: Mas não mudaram as bases da nossa sociedade, nem o medo. E você sente esse medo, você não sente? E esse medo é paranóico, Maria!!
(SOBRE NA ÁRVORE) Olha lá! Olha lá! Eles estão vindo!

MARIA: Não, Lekus! Pode ser que eles não estejam vindo! Pode ser apenas uma impressão sua!

LEKUS: Mas e a banda, Maria? E a banda? Eles estão vindo, e eles estão cantando! (ESCUTA-SE UMA PEQUENA PARTE DO HINO DA INDEPENDÊNCIA)

MARIA: M0000000000000000...!!!!!!

LEKUS: Seus passos não são como os nossos passos gemidos.

MARIA: M0000000000000000...!!!!!!

LEKUS: Eu tenho medo, Maria?

MARIA: M0000000000000000...!!!!!!

LEKUS: Eles me assustam, entende?

MARIA: M0000000000000000...!!!!!!

LEKUS: Pára com isso!

MARIA: M0000000000000000...!!!!!!

LEKUS: Pára, por favor, pára!

MARIA: M0000000000000000...!!!!!!

LEKUS: (SALTANDO DA ÁRVORE) Pára!!!

(PAUSA CONSTRANGEDORA) (MARIA ROLA PELO CHÃO EMBOLADA COMO UM FETO E GEMENDO)

LEKUS: Desculpa! (PAUSA) Pô, Maria... desculpa, pôxa! Foi sem querer, eu estou nervoso...

MARIA: Vai embora!

LEKUS: Ah! Pô! Qual é? Desculpa, vai...!

MARIA: Vai embora!

LEKUS: Mas por que, Maria?

MARIA: Vai embora!



LEKUS: Mas por quê?

MARIA: Vai embora! (PAUSA)

(LEKUS COMEÇA A ANDAR LENTAMENTE EM DIREÇÃO A ÁRVORE E COMEÇA A SUBIR NA MESMA)

MARIA: Eu não quero saber, entende? Eu não quero saber se você tem medo ou não. Você é pior do que eles. Você não acredita em nada, enquanto eles, ao menos, ainda acreditam nas coisas que fazem e no valor da matéria. Você não presta, viu? Você quer modificar o mundo, mas não consegue estar vivo. Você é um covarde, entende? (LEKUS COMEÇA A BALANÇAR-SE COMO MACACO NA ÁRVORE E A COMER BANANAS) Covarde!!!!!!
(PAUSA) Mas tu tens a consciência da tua própria covardia, e sabes as causas do teu medo? É nisso tudo que tu me deixas intrigada. É nisso que tu me confundes, e é isso que faz com que tu sejas tão diferente das outras pessoas!

LEKUS: (COM A BOCA CHEIA DE BANANA) Maria... existe um medo maior do que todos os medos. É um medo inconsciente e coletivo. Um medo que domina a todos sem que ninguém saiba. Irracional, paranóico, mas vivo dentro da cabeça e da memória de cada pessoa. É um medo que assegura os interesses dos dominadores estrangeiros em nossa terra. É um medo que solidifica as pretensões de uma estrutura injusta. Eu faço parte desse medo. Tu fazes parte desse medo. Todos nós fazemos parte desse medo e somos parte dela. Mas eu sei que ele existe, e é por isso que eu não me revolto contra a minha pessoa e nem contra a vida e o mundo em que vivo. Eu me revolto contra ele, entende? Eu não acredito em nada, Maria -- é verdade! -- mas eu vivo! E este fato de não acreditar é que me dá forças para me manter vivo, e lutando. Talvez assim eu consiga, um dia, com a minha vida e com o que fiz dela, ensinar algumas pessoas que a vida é uma coisa



... pura; e que nenhuma força ou pressão de qualquer espécie, nenhuma ditadura e nenhum poderio econômico poderão destruir, sob qualquer hipótese, os ideais e as idéias de liberdade dentro de um povo. Haverá um dia, que eu não verei, que as pessoas, todas elas, perderão o medo — e então a maior mentira e os maiores mentirosos da sociedade humana serão desmascarados! (PAUSA) (COMEÇA A ESCUTAR-SE O HINO DA INDEPENDÊNCIA, AGORA BEM MAIS ALTO) Eles estão mais perto, Maria!

MARIA: Não é possível, Lekus! Eu não acredito!

LEKUS: Mas eles estão vindo sim! A passos largos e estranhos! A morte chega em pauladas...

MARIA: E agora, Lekus?

LEKUS: E agora? Preparar-se para a luta! Não desistir! Lutar, porque o nosso povo é um povo acorrentado!

MARIA: Tirar as correntes!

LEKUS: Sim: tirar as correntes que prendem o corpo e os atos de cada um! Tirá-las!

MARIA: Para que então o mundo seja único!

LEKUS: Total e único!

MARIA: Tirar as correntes!

LEKUS: Num único gesto de amor e carinho...

MARIA: Formando com todos a única e verdadeira corrente...

LEKUS: A invencível corrente dos Homens humanos...

MARIA: Que nos une agora...

LEKUS: Em nossos corações...

MARIA: E em nosso sangue...

LEKUS: No retumbar contínuo de nossas artérias...

MARIA: Rumo ao verdadeiro destino de todos os povos...



LEKUS: Para a liberdade!

MARIA: A liberdade!

LEKUS: A maior de todas...

MARIA: Aquela que está dentro de nossas cabeças...

LEKUS: E refletida em nossos olhos...

MARIA: A angústia e o desejo

LEKUS: E nos igualarmos.

MARIA: Em defesa de nossas características humanas!

LEKUS: Em luta contra a mecanização dos sentimentos!

MARIA: Para que todos possamos então ter o pleno conhecimento da palavra.

LEKUS: do amor!

MARIA: do amor!

LEKUS: Esse verdadeiro amor que nos une e não nos separará jamais nos rumos da eternidade! (A MÚSICA ATINGE O SEU ÓDIO) (LEKUS E MARIA DIRIGEM-SE PARA AS PESSOAS QUE ESTÃO ACORRENTADAS) (SURTEM OS DOIS " PARANÓICOS COMO GUARDAS)

PARANÓICOS I E II: (MARCHANDO) Pega! Pega!

é o primeiro da lista.

Arrebenta! Arrebenta!

qu'ele é comunista!

(LEKUS E MARIA ASSUSTAM-SE) (QUANDO OS PARANÓICOS OS ATACAM SAEM CORRENDO PARA O MEIO DO PÚBLICO)

PARANÓICO I (GUARDA): Lá está ela!

PARANÓICO II (GUARDA): Canafim!

PARANÓICO I (GUARDA): Ao facinora! Pega o bandido, pega!

PARANÓICO II (GUARDA): Miserável!

(FAZEM A MAIOR ZORRA NO MEIO DO PÚBLICO, COM LEKUS FUGINDO E OS GUARDAS ATRÁS. FINALMENTE LEKUS É PRESO AINDA NO MEIO DO PÚBLICO)



PARANÓICO I (GUARDA): Agora nós te pegamo agitador filho duma puta! Des
tu não escapa não, miserável!!! (SOCOS E PONTAPÉS A REVERIA)
— LEKUS GRITA E HURTA ENQUANTO APANHA)

MARIA: Não faz isso com ele, pôxa! Não faz!!!

PARANÓICO I (GUARDA): (SEGURANDO MARIA) O que que é gurria? Tu tava jun-
ta com ele nisso? Vai querê spanhá também, vai? (TORCENDO O BRA-
ÇO DE MARIA) Vai é? Vai???

MARIA: Não! Não! Você tá me machucando...!

PARANÓICO I (GUARDA): Vai querê, vai?

MARIA: Não!

PARANÓICO I (GUARDA): Tu conhece esse cara, conhece?

MARIA: (GRITANDO) Não!

PARANÓICO I (GUARDA): Tu viu a gente batendo nele, viu?

MARIA: Vi...

PARANÓICO I (GUARDA): Ah! Viu? TORCE AINDA MAIS O BRAÇO DE MARIA)

MARIA: Não...

PARANÓICO I (GUARDA): Viu ou não viu?

MARIA: (GRITANDO) Não!!!!!!

PARANÓICO I (GUARDA): Então te manda, saca? e bico salado, entende?
(EMPURRA MARIA) (ENQUANTO ISSO — ENTREMENTES — O PARANÓICO II
AFASTAVA O PÚBLICO DIZENDO)

PARANÓICO II (GUARDA): Vamo! Vamo! Dá espaço! Te arreda prá lá que esse
cara é perigoso. Deixa a policia cuidá dele que isso é trabalho
nesso.

PARANÓICO I (GUARDA): (ARRASTANDO LEKUS) Agora nós vamo tê uma conversi
nha, cara? (PORRADA) Qual é o teu nome?

PARANÓICO II (GUARDA): (RISADINHAS TENEBROSAS) Ri! Ri! Ri! (PORRADA)

Fala!

PARANÓICO I (GUARDA): Vamo! Fala!



PARANÓICO II (GUARDA): Qual é o teu nome?

PARANÓICO I (GUARDA): Vamo, fala! (PORRADA)

PARANÓICO II (GUARDA): (PORRADA) Fala miserável! (PORRADA) Filho duma
puta; fala puta de merda! (PORRADA) Fala!

PARANÓICO I (GUARDA): Qual é o teu nome? (PORRADA) Vamos falar! (PORRADA)
(LEKUS COMEÇA A SANGRAR EM UM FILETE, NA BOCA)

PARANÓICO II (GUARDA): (SEGURANDO LEBUS PELOS CABELOS) Quem é mais que
tava junto contigo? Quem é mais? (PORRADA)

PARANÓICO I (GUARDA): Seja bonzinho com a gente menino, que aí a gente
te deixa ficar vivo! (PORRADA) (COM VOZ BAIXA) Fala menino, f
fala!

PARANÓICO II (GUARDA): NÃO deixa a gente ficar irritado, porra? (PORRADA)
Nós não queremos fazer nada mal a você... (PORRADA)
FAIAAAAA!!!

PARANÓICO I (GUARDA): Qual é o teu nome?

PARANÓICO II (GUARDA): Tinha mais gente junto contigo? (PORRADA)

PARANÓICO I (GUARDA): Quem foi que te mandou fazer aquilo? Fala! Quem
foi que te pagou? Fala! (PORRADA) FAAAAAAA!!!! (PORRADA)
FAAAAAALAAA!!! (LEKUS DESMOLA) (O PARANÓICO II COMEÇA A REANI-
MÁ-LO E O PARANÓICO I VEM COM UM BALDE DE PORTE GRANDE CHEIO
D'ÁGUA) (PREPARAM-SE PARA A TORTURA DE AFOGAMENTO) (ATAM AS
MÃOS DE LEKUS ÀS COSTAS)

PARANÓICO I (GUARDA): Você vai falar ou não? (PAUSA) Não?? Pois então
vamos ver... (O PARANÓICO II SOLTA UMA RISADINHA TENEBROSA)
(AFOGAM LEKUS DUAS VEZES) E então vai nos dizer qual é o teu
nome? (AFOGAM-NO MAIS UMA VEZ) (Havia alguém contigo?

LEKUS: Não!

PARANÓICO I (GUARDA): Alguém te mandou fazer aquilo?



LEKUS: Não!

PARANÓICO I (GUARDA): Não mesmo? (APOGAM XEKUS MAIS UMA VEZ)

LEKUS: Não!

PARANÓICO II (GUARDA): Eu não acredito!

PARANÓICO I (GUARDA): Deixa eu te mostrar, gente tem um presentinho melhor prá 'ele. Com essa ele vai que falar. (PEGA UMA CAIXINHA COM UMA M MANIVELA DA QUAL SAEM DOIS FIOS -- PRENDE UM DOS FIOS NA BARRIGA DE LEKUS E O OUTRO NUM DOS PÉS)

PARANÓICO II (GUARDA): Não vai querê nos dizê qual é o teu nome, heim? (DÁ UM PONTAPÉ EM LEKUS) RII! RII! RII! (RISADINHA TENEBROSA) (O PARANÓICO UM DÁ UMAS MANIVELADAS NA MAQUININHA) (LEKUS SOLTA UM GRITO DE DOR) (O PARANÓICO II DÁ UMA RISADINHA) (OUTRA E MAIS OUTRA MANIVELADAS) (OUTRO GRITO) (OUTRA RISADINHA ACOM PANHADA DE CHUTE)

PARANÓICO I (GUARDA): E então vamos, vai falar ou não vai? (MANIVELADA) (HURRO DE DOR)

PARANÓICO II (GUARDA): Vamos, vamos! (MANIVELADA) (HURRO DE DOR)

PARANÓICO I (GUARDA): Qual é o teu nome? (MANIVELADA MAIS FORTE) (HURRO)

PARANÓICO II (GUARDA): Qual é o teu nome? Quem foi que te mandou fazer isso? (MANIVELADA) (HURRO DE DOR)

PARANÓICO I (GUARDA): Quem foi que te mandou fazer isso?

PARANÓICO II (GUARDA): Quem foi?

LEKUS: Ninguém! (MANIVELADA) (HURRO DE DOR)

PARANÓICO II (GUARDA): (CHUTE) Quem foi que te mandou fazer isso?

LEKUS: Ninguém! (MANIVELADA) (HURRO DE DOR)

PARANÓICO II (GUARDA): Quem foi que te mandou fazer isso?

LEKUS: Ninguém!

PARANÓICO II (GUARDA): Qual é o teu nome, conta? (MANIVELADA) (HURRO DE DOR)



Qual é o teu nome? (VARIAS MANIVELADAS E CONSEQUENTES GRITOS)

Qual é o teu nome? Fala aqui!

LEKUS: (BAIXINHO) Lekus...

PARANÓICO II (GUARDA): Como? Fala mais alto, porra! (MANIVELADA) (HURRO DE DOR)

PARANÓICO II (GUARDA): Vamo! Vamo! Qual é o teu nome?

LEKUS: Lekus!

PARANÓICO I (GUARDA): !umpiiiiii! É esse o homem certo! (BRINCAM DE RODA)

PARANÓICOS I E II (GUARDAS): Abira! o gato tô tô, mas... etc.

(ACENDE-SE A LUZ DO LADO DESTA DO PALCO ONDE ESTÁ A TELEVISÃO, ENQUANTO TOCA UMA MÚSICA CARACTERÍSTICA DA ABERTURA DE UM NOTÍCIO TELEVISIONADO) (O PARANÓICO I COMO REPORTEUR CORRE ATÉ A TELEVISÃO, ENQUANTO O PARANÓICO II ARRUMA RAPIDAMENTE UMA TIPÓIA IMPROVISADA PARA O SEU BRAÇO ESTERNEIRO, MANCHANDO-A TAMBÉM COM O SANGUE DE LEKUS)

PARANÓICO I (REPORTEUR): E atenção aos nossos telespectadores da rede Circo de Televisão; esta tarde em uma culminante da Polícia Circense, foi preso o terrível terracido, assassino, anarquista, agitador e inimigo número um da população: "Maravilhoso Mundo do Circo?" e famigerado e maquiavélico... também conhecido como "O Estranho". Por ocasião do cerco à sua residência situada na rua do Baco, violento tiroteio se deu, sendo que o Delegado Fleurbelo, aqui presente, saiu ferido. (PARA O PARANÓICO II) Sr. Delegado, foi muito difícil efetuar a prisão de Lekus?

PARANÓICO II (DELEGADO): Foi, realmente, Sr. Só que nós não medimos esforços para concretizá-la.

PARANÓICO I (REPORTEUR): Senhor delegado, como aconteceu o fato de senhor ter sido ferido?

PARANÓICO II (DELEGADO): Ah? Foi o Sr. Deputado quando nós arrastamos a porta para que pudéssemos entrar lá dentro, eu fui o primeiro a entrar.



na mão, eu fui o primeiro a entrar e ele atirou. Felizmente consegui saltar para o lado e escapar, e a bala apenas atingiu-me no braço sem maiores consequências.

PARANÓICO I (REPÓRTER): O senhor já foi ferido outras vezes?

PARANÓICO II (DELEGADO): Quase todas, todas elas em combate a grupos subversivos infiltrados no meio estudantil!

PARANÓICO I (REPÓRTER): Nossa! Inesperadamente! eis aqui um homem de coragem, um verdadeiro polígrafo! Delegado Fleuriabelo, aqui na frente dessas câmeras, e para essas milhares de pessoas que nos assistem, é muito obrigado do povo do Mundo do Circo!

PARANÓICO II (DELEGADO): Não, não! É apenas o cumprimento com a minha obrigação, e para o meu povo eu quero dizer apenas que a Polícia está aqui para protegê-los!

PARANÓICO I (REPÓRTER): Muito obrigado senhor delegado. Acabamos de entrevistar o Delegado Fleuriabelo, responsável pela captura do famigerado Lékus. Sensação pungente, especial para o Jornal do Circo!

(APAGA-SE A LUZ SOBRE A TRIBUNA) (OS DOIS PARANÓICOS TIRAM OS FIOS DE LÉKUS) (TOCA UM BOMBA COM RÍSTICA E ENTRA JUREMA ANUNCIANDO O JUIZ)

JUREMA: E atenção... Silêncio no tribunal. Vai entrar o Juiz! (MÚSICA)
(ENTRA ANASTÁCIO DE JUIZ)

ANASTÁCIO (JUIZ): Senhoras e senhores, o espetáculo vai começar! (PAUSA CURTA) Que apresente-se o jurado de Jurados. (OS PARANÓICOS RETIRAM SEITE PESSOAS DO PLACAR E COLOCAM-NAS, COM CHAPEUZINHOS DE BURRO, SENTADAS NUM BANCALINHO NA CENA) (ANASTÁCIO SENTAR-SE NA CADEIRINHA DE MENE) Que apresente-se o réu! (OS PARANÓICOS ARRASTAM LÉKUS E COLOCAM-NO NA FREITE DE ANASTÁCIO)

ANASTÁCIO (JUIZ): O réu, senhor... não de tal, de alcunha Lékus, fãzigo



xado e verdadeiro e visto serigo a estabilidade e a paz social deã
 nossa comunidade é acusado de infringir o terceiro mandamento, que
 diz o seguinte: não perturbareis a tranquilidade econômica e emocio
 nal de nosso expressário; Mister Iankii. É cega a justiça. É cega a
 justiça! Que acima de tudo sejamos justos, em nome da grande garra
 fa, Amém! (REVERENCIA ISA GUERAFIA DE COCA-COLA) Estando já todos
 oientes dos bárbaros e hediondos crimes que pesam sobre a vil ca-
 beça deste estúpido porverano, prosigamos com a sessão, para
 que rapidamente o condempnem ao cárcere supremo. Com a palavra a
 Promotoria.

PARANÓICO I (PROMOTOR): Bárbaros, cruel e hediondo são as palavras que en
 contro, e que mesmo assim não conseguem expressar a metade de todo
 o mal que este miserável animal causou a nossa ordem política e so
 cial dentro de nossa bela e maravilhosa e progressista nação cir-
 cense. De tão nefastamente heptaminôndicos são os seus crimes
 que até náuseas me causou o fato de ter que acusá-lo. Todavia a
 consciência de dever perante toda a minha sociedade, a qual tanto
 amo, faz com que esqueça a repulsa, e procure ser o mais real e o
 bjetivo dentro deste breve relato. Assim sendo, o nojo, seu obrig
 gado a deixá-lo de lado por alguns instantes, embora no meu inter
 rior o anco e a repugnância ainda se façam presentes ante a pre-
 sença de tão torpe animal! (MEXUS LEVAFTA O SEU ROSTO NUM OLHAR
 VAZIO) E olhas só como olha para todos! Nem mesmo a vergonha ain-
 da existe dentro de sua consciência. Pois é este senhoras e senhe
 res... Pois é este o indivíduo por que é o responsável por ter ten-
 tado corromper a nossa única e estudiosa juventude.

ANASTÁCIO (JUIZ): E de ter traido a minha filha!

PARANÓICO I (PROMOTOR): Usando torpes palavras como liberdade, amor, paz



igualdade social, este indivíduo ousou tentar sublevar os nossos jovens, alegando ainda problemas que são verdadeiras aberrações dentro de sua mente doente, pois jamais existiram: como inflação, torturas, corrupção, dívida externa, perseguições, assassinatos, aberturas, dominação estrangeira nos campos artístico-cultural e também no campo econômico; e alegando também coisas ainda mais estapafúrdias como o desmatamento da Grande Mata, e o Projeto Pipi que tanto nos tem ajudado financeiramente. Tentou montar uma seita religiosa alienígena dentro de nossa magnífica juventude, utilizando-se para isso de objetos sagrados roubados da linha de engarrafamento do Grande Temple. Perseguido e encurralado pela brava e corajosa Polícia Circense, resistiu à voz da prisão, provocando um terrível tiroteio no qual foram terrivelmente assassinados cinco policiais que anonimamente morreram defendendo a causa pátria e a Segurança Nacional. É a esse apátrida que me apresento. É a esse apátrida que acuso de corruptor de menores, de cinco assassinatos em primeiro grau, de terrorismo, de furto e utilização obscena de objetos sagrados...

ANASTÁCIO (JUIZ): E de ter trepado a minha filha.

PARANÓICO I (PROMOTOR): E também o acuso de estupro de uma menor, que inadvertidamente caiu em suas mãos depravadas, sendo seviciada em atos de Sodomia e Sadismo. Senhores Jurados, é para um verme que há muito perdeu o seu direito a vida, que eu peço a pena capital. Em pagamento pelos seus bárbaros crimes, a morte pelo chicote supremo.

(APLAUSOS DE ANASTÁCIO E DO OUTRO PARANÓICO)

ANASTÁCIO (JUIZ): Depois dessas belo, magnífico e comovente prenunciamento de nosso promotor e advogado de acusação, passamos a palavra ao advogado de defesa.

PARANÓICO II (ADVOGADO DE DEFESA): Senhores jurados -- concordamos que o meu constituinte possa ter cometido erros em sua vida, mas todos



nós somos humanos — todos erramos. Aqui, eu prefiro, ao invés de belos e influentes discursos, interpelar o acusado. Senhor Lekus; que o senhor tem a dizer a respeito disso tudo e de que é acusado?

LEKUS: M000000000000...!!!!!!!

PARANÓICO II (ADVOGADO DE DEFESA): Nada mais tem a defesa a dizer.

ANASTÁCIO (JUIZ): Muito bem, estando cômico do meu dever, e tendo-se manifestado o advogado de defesa, que decidam os jurados a culpa desse difamante prisioneiro que infecta e polui o nosso ambiente.

(O PARANÓICO I PASSA PELO CORPO DE JURADOS UM CHAPÉU ONDE OS JURADOS COLOCAM, DE ACORDO COM A SENTENÇA QUE QUISEREM DAR, UM DOS DOIS PAPEIS QUE RECEBERAM: CULPADO OU INOCENTE)

ANASTÁCIO (JUIZ): (COMEÇA A CONTAR OS VOTOS) (QUEIMA-OS) (DÁ A SENTENÇA)

Senhoras e senhores, em nome da grande garrafa tenho o prazer de anunciar-lhes que o réu foi julgado culpado, e assim eu o condeno a morte através do chicote supremo.

(MARIA, NO MEIO DO PÚBLICO, CHORA) (OS DOIS PARANÓICOS AGORA NOVAMENTE COMO GUARDAS PEGAM LEKUS E O ARRASTAM ATÉ A ÁRVORE. AÍ O ATAM DE FORMA QUE FIQUE DEPENDURADO, E COMEÇAM A CHICOTEÁ-LO) (ANASTÁCIO PERMANECE EM SUA CADEIRA E POR ALGUM TEMPO PARECE ABSORTO) (UMA MÚSICA TREMENDAMENTE SUAVE INUNDA O AMBIENTE MISTURANDO-SE COM OS GEMIDOS DE LEKUS, E OS LAMENTOS DE MARIA QUE ESTÁ NO MEIO DO PÚBLICO E FALA? SENDO SOMENTE OUVIDA PELAS PESSOAS QUE ESTÃO AO REDOR)

MARIA: Ele era tão bom...

(A SEGUIR A LUZ TORNA-SE MAIS FORTE SOBRE ANASTÁCIO APOSTRÓFICO GEMADA, O QUAL CONTINUA SENTADO NA CADEIRINHA DE CRIANÇAS. BATE COM A COLHER NA MESINHA)

ANASTÁCIO: Jurema! Jurema!!! Onde é que tu se notou desgraçada?

JUREMA: (ENTRANDO COM UMA INENSA PANELA DE FERRO TIPO SALDEIRA)



SEUS SEIOS TÃO CAIDOS QUE BATEM POR SUAS CANELAS) JÁ estou indo, senhor!

ANASTÁCIO: Juremasaaa!!! (GRITANDO) Traz a minha sopa! Ô Mulher miserável! Por mil galhos desse deserto -- Ô Jurema?!? -- Como é que eu pude gostar dessa minia? Juremasaaa!!!

JUREMA: (CAMBALELENTE SOB O PESO DO CALDEIRÃO) Ô, velho! Tem paciência! A tua Jureminha já está chegando!

ANASTÁCIO: Jureminha?! Jureminha, uma ova!!!

JUREMA: (CHEGANDO) Calma, Anastácio! Olha só, ô! (BAIXA A PANELA) Cheguei! (TROPEÇA E CAI DE CABEÇA DENTRO DO PANELÃO E SAI DALI SUJA DE SOPA)

ANASTÁCIO: Ô idiota que eu fui! Cai do céu os anjos sobre mim, e em pedras atormentei minha cabeça! Por mil galhos perdidos dentro dos astros desse suspiro, valha-me o destino afoito dessas perdizes costumazes a respirarem seu metal oxigenado! (JUREMA APROXIMA-SE DE ANASTÁCIO E O ENLAÇA NUM ABRÇO TERNO, MEIGO E PURO) Dentro das vísceras ardentes da Plenitude! Sai de mim esses imundos parasitas estércoos e por fora de tudo onde (PERCEBE JUREMA) nada, nada, nada poderá abraçar-me! ME larga sua suja! (EMPURRA JUREMA) Sai! Sai!!!! Será que você não vê que está me sujando?

JUREMA: Desculpe, senhor! Desculpe...

ANASTÁCIO: Vai lá, Pôxa! Dá logo essa sopa! (JUREMA COMEÇA A SERVIR A SOPA) Ô miserável mundo dos meus caminhos! Ô itinerário hediondo de cores e chichletes! Ô Sopa! Sopinha que me apraz acalmando o meu estômago salouquecido! (TOMA UM GOLPE DE SOPA) (UM GOLPE PEQUENO COM UMA COLHERINHA PEQUENA) (SORRI)

JUREMA: E então benzinho, está gostosa?

ANASTÁCIO: Guardanapo! (JUREMA PROCURA NOS BOLSOS UM GUARDANAPO) Guardanapooooooooo!



JUREMA: (ACHA UM IMUNDO DE SUJO) Ô: Ô: Tá aqui, querido?

ANASTÁCIO: (LIMPA A BOCA) Cigarro?

JUREMA: Mas querido?!

ANASTÁCIO: Cigarro? (JUREMA TIRA UM CIGARRO DO BOLSO E DÁ PARA ANASTÁCIO) Fogol! (JUREMA AGENHA O CIGARRO) (ANASTÁCIO DÁ UMA TRAGADA) Cinzeiro! (JUREMA ESTENDE AS MÃOS)

JUREMA: Senhor! Senhor!

ANASTÁCIO: Sim?!

JUREMA: Senhor, eu poderia fazer uma perguntinha?

ANASTÁCIO: Claro, velha! Claro!

JUREMA: (ABRAÇANDO AS PERNAS DE ANASTÁCIO) Querido! Você não vai mais comer nem um pouquinho de coisidinha que eu fiz para tizinho?

ANASTÁCIO: (BATENDO A CINZA E RÁPIDAMENTE ESPANTADO) Não, por quê?

JUREMA: Mas é que eu fiz ela com tanto carinho...

ANASTÁCIO: Acontece que eu estou com fome...

JUREMA: (LEVANTA-SE ENTRISTECIDA, PEGA O PAINELÃO E VAI SAINDO)

ANASTÁCIO: Jurema!

JUREMA: Sim!

ANASTÁCIO: Cinzeiro! (JUREMA VOLTA E ESTENDE AS MÃOS COMO CINZEIRO) (LEKUS QUE CONTINUAVA SEM PARAR DE GEMER, AUMENTA UM POUCO OS SEUS GEMIDOS) (LEKUS ESTÁ MORTO) (LEKUS ESTÁ MORTO) (OS PARANÓICOS CHEGAM-SE PARA TER CERTEZA) (ABAIXAM O CORPO) (A LUZ VOLTA A BRILHAR MAIS FORTE SOBRE ANASTÁCIO E JUREMA) (JUREMA COMEÇA A CHORAR BAIXINHO)

ANASTÁCIO: Jurema, você já percebeu quanto nós estamos velhos?

JUREMA: Sim, Anastácio! Já! (SABENDO QUE JUREMA, LENTAMENTE, OS PARANÓICOS)

ANASTÁCIO: Às vezes eu penso nisso sobre Jurema? Eu fico triste...

JUREMA: Por que, velho?

ANASTÁCIO: É que agora eu me pergunto sobre uma porção de coisas nas



nossas vidas, que antes eu não tinha tempo de perguntar...

JUREMA: Como assim, Anastácio?

ANASTÁCIO: Sabe o que é?... Antes eu trabalhava, eu trabalhava, trabalhava, trabalhava, trabalhava...

JUREMA: Como eu me orgulho de ti, Anastácio!

ANASTÁCIO: E agora eu me pergunto qual foi o valor, a validade disso tudo.

JUREMA: Oh! Benzinho...

ANASTÁCIO: Nós estamos velhos, não é?

JUREMA: É sim! Eu acho isso natural...

ANASTÁCIO: É que daqui a pouco nós vamos morrer. Você também acha isso natural? (PAUSA)

JUREMA: (GAGUEJANDO) A... e... acho!

ANASTÁCIO: Pois é, é natural que nós morramos. Nós somos apenas animais. Todos os animais morrem. (PAUSA) Mas é... é que eu não me contento com isso, porra!

JUREMA: Anastácio, não fala palavrão, Anastácio! Eu não gosto!

ANASTÁCIO: Ah! Não enche, Jurema! É porra mesmo! É porra! Eu passei a minha vida toda me comportando bem, fazendo tudo certinho, tudo bonitinho para que o Patrão me visse e me promovesse.

JUREMA: E você foi promovido, não foi?

ANASTÁCIO: Mas de que me adiantou tudo isso, se eu me tornei um escravo? De que me adiantou tudo isso se a minha própria família era uma família de escravos?

JUREMA: Mas nós compramos um carro, e o nosso apartamento, e a nossa televisão a cores...

ANASTÁCIO: E nos vendemos. De que me adiantou tudo isso se nos vendemos?

JUREMA: Olha, Anastácio, eu não sei. Mas eu acho que as nossas vidas valeram a pena. Nós tivemos os nossos filhos, nós os educamos, e agora eles estão bem colocados, você sabe disso.



ANASTÁCIO: Sim, e jamais passarão pelas mesmas dificuldades pelas quais nós passamos...

JUREMA: E você não acha isso lindo, Anastácio?

ANASTÁCIO: Sim, é lindo... Eles era...

JUREMA: Eles eram uma partezinha da gente, e nós os fizemos e nós os educamos, e agora eles fazem parte do mundo, eles são gente, eles são a nossa continuação dentro da espécie humana, parte integral da continuação da humanidade.

ANASTÁCIO: Sim, mas até que ponto tudo isso é válido?

JUREMA: Eu não sei!

ANASTÁCIO: Eu também não sei!

JUREMA: Eu não sei, mas eu tenho certeza de uma coisa, Anastácio! Nós vivemos da melhor maneira que poderíamos viver. Nós demos tudo de nós e o melhor de nossas vidas para que tudo se realizasse. Eu realmente creio, Anastácio, que nós cumrimos a nossa missão.

ANASTÁCIO: Sim, nós cumrimos a nossa missão. (PAUSA) Eu me sinto triste, Jurema! (PAUSA)

JUREMA: Ah! Não fala assim, bemsinho! (PAUSA CURTA) Por quê?

ANASTÁCIO: Por que eu vejo que nós temos tão pouco tempo agora... um para o outro... você me entende...?!

JUREMA: Sim...!

ANASTÁCIO: (LEMBRANDO-SE) Como naquele dia em que nós casamos, você se lembra?

JUREMA: Sim...

ANASTÁCIO: A igreja...

JUREMA: O padre...

ANASTÁCIO: O teu pai caolho...

JUREMA: E a tua mãe reumática...

ANASTÁCIO: A maldita sogra, tua mãe, te dando conselhos.



JUREMA: E o meu sogro, filho da puta, arrotando... (ENVERGONHA-SE POR TER DITO UM PALAVRÃO) (LEVA A MÃO ATÉ A BOCA) (PAUSA)

ANASTÁCIO: Eu te amo, Jurema!

JUREMA: Eu te amo, Anastácio... (PAUSA) Você quer, amor?

ANASTÁCIO: Quero!

JUREMA: Com seio ou sem seio?...

ANASTÁCIO: Meio a meia! (JUREMA PÕE UM SEIO PARA TRÁS E COMEÇAM A SEREM ESCUTADAS, AUMENTANDO DE VOLUME, AS PROPAGANDAS COMERCIAIS) (DOIS BONECOS DE MADEIRA DESCEM DO TETO: UM COM AS FEIÇÕES DE ANASTÁCIO E OUTRO COM AS DE JUREMA) (OS DOIS COMEÇAM A FAZER AMOR COM OS BONECOS) (AS PROPAGANDAS ATINGEM O AUGE) (SURTEM NO FUNDO OS DOIS PARANÓICOS DE CALÇAS CURTAS, SUSPENSÓRIOS E BONEZINHOS COMO CRIANÇAS) (MARIA COMEÇA A SAIR DO MEIO DO PÚBLICO)

PARANÓICO I (CRIANÇA): Ei, Maninho! Olha lá! O papai e a mamãe tãe se fodendo!

PARANÓICO II (CRIANÇA): E... Por que será que eles fazem isso?

PARANÓICO I (CRIANÇA): Eles dizem que é bom...

PARANÓICO II (CRIANÇA): Vamos fazer que nem eles?

PARANÓICO I (CRIANÇA): Não! Eles dizem que a gente só faz isso depois de grande!

PARANÓICO II (CRIANÇA): Bah! Então, se é tão bom quanto eles dizem, ... quando eu crescer eu vou fazer bastante, bastante, bastante!

PARANÓICO I (CRIANÇA): Eu também.

PARANÓICO II (CRIANÇA): Mas por que que eles fazem isso, hein?

PARANÓICO I (CRIANÇA): É porque é bom, e é daí que nascem os filhos!

PARANÓICO II (CRIANÇA): Ah! Então eu não faço mais, eu nunca vou fazer.

PARANÓICO I (CRIANÇA): Por que não, maninho?

PARANÓICO II (CRIANÇA): Porque é gente. Gente é ruim. Gente não presta.



(AS PROPAGANDAS VÃO SENDO SUPERADAS POR UMA MÚSICA INTENSAMENTE SUA-
 VE) (MARIA CHEGA-SE PERTO DE ANASTÁCIO E JUREMA, E COM O DEDO APONTA
 LEKUS QUE ESTÁ ATIRADO NO CHÃO, PERTO DA ÁRVORE) (SILENCIA A MÚSICA)
 (OS DOIS OLHAM-NA ATÔNITOS) (MARIA APONTA-LHES UM CANUDO DE PAPEL E
 NOVAMENTE INDICA LEKUS) (OS DOIS LEVANTAM-SE LENTAMENTE E DIRIGEM-SE
 PARA LEKUS) (COMEÇAM A FAZER-LHE RESPIRAÇÃO ARTIFICIAL E MASSAGEM
 CARDÍACA) (ESCUUTA-SE O SOM DO AR ENTRANDO E SAINDO DOS PULMÕES DE
 LEKUS, DEPOIS COMEÇAM AS BATIDAS DO CORAÇÃO DO MESMO) (LEKUS LEVANTA-
 -SE LENTAMENTE E COMEÇA A SUBIR NA ÁRVORE) (MARIA DIRIGE-SE PARA AS
 PESSOAS QUE ESTÃO ACORRENTADAS PARA SOLTÁ-LAS) (ANASTÁCIO E JUREMA
 DIRIGEM-SE PARA OS BONECOS)

LEKUS: (À MEDIDA EM QUE SOBE NA ÁRVORE) E em cada gota de grama e de or-
 valho que pinga sobre a face meiga da terra, e em cada pequenino
 gesto, e em cada olhar mais descomodado, e em cada árvore ba-
 lançando com o vento, (ANASTÁCIO E JUREMA DEIXAM OS BONECOS ABRA-
 ÇADOS NO CENTRO DO PALCO) e em cada criança que chora ao nascer,
 e em cada por-da-sol, e em cada nascer de estrelas, e em cada fa-
 ce da lua, e em cada ventania, e em cada nuvem, e em cada chuva,
 (ANASTÁCIO E JUREMA COMEÇAM A SAIR DE CENA, CADA UM POR UM LADO,
 OS BONECOS OS SUBSTITUEM) (MARIA ALCANÇA AS PESSOAS ACORRENTADAS
 E COMEÇA A SOLTÁ-LAS) e em cada flor e rosa fecundada pela arden-
 te chama do pólen está um mundo: este maravilhoso mundo de circo
 onde não sabemos viver. (JÁ EM CIMA DO CIMO DA ÁRVORE) (DE PÉ)
 (MARIA SOLTANDO AS PESSOAS DO PÚBLICO) (ANASTÁCIO E JUREMA AFAS-
 TANDO-SE DOS BONECOS QUE ESTÃO ABRAÇADOS) Nós estamos profunda-
 mente imersos dentro de nossas próprias solidões. Gerações futu-
 ras não de julgar um dia a nossa culpa ou a nossa inocência. (A
 MÚSICA ATINGE A SUA PLENITUDE ABAFANDO A VOZ DE LEKUS, QUE PARECE



FLUTUAR) (CRIANÇAS VOZM POR SOBRE O PÚBLICO E PELO PALCO)
(MARIA SOLTANDO AS VÍTIMAS) (A ÁRVORE E LERKUS BRILHAM INTENSAMENTE)
(A ACONSELHA-SE A COLOCAR A MÚSICA BLOWIN' IN THE WIND NA VERSÃO AO VIVO DO DISCO BOB DYLAN AT BUDOKAN EM VOLUME ALTÍSSIMO)
(A LUZ COMEÇA A CAIR LENTAMENTE E MARIA ABRAÇA AS VÍTIMAS) (A MÚSICA PERMANECE NO ESCURO E VAI SAINDO BEM DEVAGAR) (A PEÇA ESTÁ FINDA — E AS VÍTIMAS PREPARADAS PARA O MARAVILHOSO E TRISTE MUNDO QUE EXISTE POR FORA DA CÂMARA DE TORTURAS — EU TENHO PENA DE LAS).

FYDO Setembro de 1979.





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 174/80/RS

PEÇA " O MARAVILHOSO MUNDO DO CIRCO "

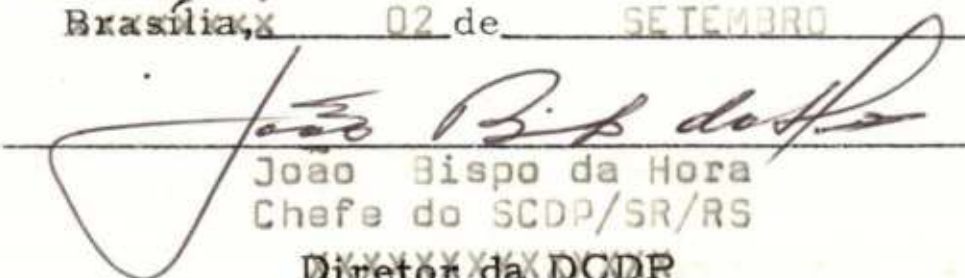
ORIGINAL DE EUCLIDES DUTRA DE MORAES

APROVADO ^{PELB SCDP/SR/RS} ~~PELA DCP/RS~~
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 02 de NOVEMBRO de 19 80

Porto Alegre,
~~Brasília,~~ 02 de SETEMBRO de 19 80

CENSURA FEDERAL/RS
IMPRÓPRIO PARA MENORES
DE 18 ANOS


João Bispo da Hora
Chefe do SCDP/SR/RS

~~XXXXXXXXXX~~
Diretor da DCDF

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento
da peça intitulada "O MARAVILHOSO MUNDO DO CIRCO"

Original de EUCLIDES DUTRA DE MORAES

Tradução de _____

Adaptação de _____

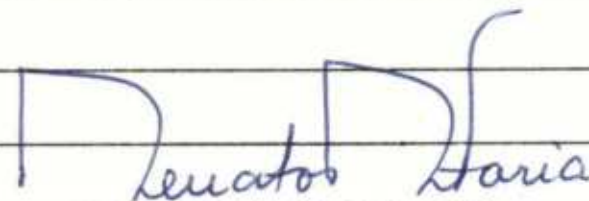
Produção de GRUPO PORÃO DE TEATRO - SANTA MARIA/RS

Requerida por EUCLIDES DUTRA DE MORAES

Tendo sido censurada em 02 de SETEMBRO de 19 80 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONA-
DA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO
ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/SR/RS.

P. Alegre,
Brasília, 02 de SETEMBRO de 19 80



RENATO RODRIGUES DE FARIA
Téc. Censura Matr. 2.415.810
Chefe de SCC/SCDP/SR/DPF/RS

Chefe do Serviço de Censura

350
B

o Maravilhoso Mundo do CIRCO



Autor: Euclides Dutra Moraes
Adaptação e Direção: Daniel Santos

Iluminação:
Sonoplastia:

Elenco:

Daniel Santos.....	ADRIANO	Lekus
Ana Beatriz.....	SILVIA	Maria
Mírian Clezar.....	SILVIA	Jurema
Luís Sady.....	Roberto	Anastácio
Marco Guerra.....	ADRIANO	Paranóico Pipoca
Geovani Machado.....	ELITON	Paranóico D. CIRCO
Sílvia Medeiros.....	ANDERSON	Paranóica PROF.
Taynná.....	M	Paranóica

Duração Aproximada : 40 min

Estão em cena: Lekus, em posição fetal, sobre seu preticável, o paranóico Dono do Circo(imóvel) e o paranóico exprecionista, que cria formas com seu corpo. Destaca-se no cenário uma TV, ligada em canal fo ra do ar e dois manequins de vitrine(um Homem e uma mulher) nã s late - raisdo proscênio. Uma música profundamente triste inunda todo o ambient e. O público participa deste clima de paz e tranqüilidade, enquanto ai ainda pode. Derepente entra pelo corredor, o paranóico Pipoqueiro, ofe recendo pípocas ao público, ou melhor, atirando-as no público, quebran do assim, toda a Aerenidade e melancolia da cena.

PARANÓICO PIPOQUEIRO: Pipoca! Olha a pipoca! Vamos...Vamos...Comam,co mam pipoca. Olha a pipoca quentinha. Meu senhor, aceita uma pipoquinha (ri debochadamente). E vocês aí, também querem pipoca (rindo). Nada melhor que uma pipoquinha antes do grande espetáculo do circo. (irri tando-se). Ah! Vocês querem pipoca, não querem... (enlouquecido)pois, tomem, comam essas pipocas seus bastardos, embuchen-se de tanto comer pipoca. Voces gostam disso, não gostam... pois então morram comendo es sa merda reinante. (Penalizando-se) Voces não tem pena de uma pobre e inocente pipoca que não pediu para ser estralada? Seus párbaros. Vo ces pegam as coitadinhas e colocam nessas sua bocas podres, e então, num ato animalesco as trituram... sentindo prazer em massacrar essas lindas bolinhas brancas... branquinhas como apaz. (Vai saindo pelo pal co gritando) Pipoca! Olha a pipoca.

O paranóico Dono do Circo, que até o momento esteve imóvel no pal co, começa a anunciar a proximidade do maior espetáculo da terra.

PARANÓICO DONO DO CIRCO: Senhoras e senhores, jovens e jovas deste res peitável público(risada sarcástica) O maior espetáculo da terra, está prestes a começar. Vamos, vamos adquiram seus ingressos aqueles que ainda não adquiriram, pela miserável quantia de alguns crúzzeiros, quei ram me desculpar o engano, de alguns cruzados. Salve! Salve o dólar... quer dizer, o cruzado. E eis a verdadeira moeda nacional...nacional. Constituinte(de fora) Úuuu...(risadinha) Bom! Nós estamos com problemas técnicos na estrutura da lona, que está um pouco muito úmida, em conse quência da última seca. (résada ironica) Ótima piada, não é mesmo. Mas

vamos deixar de lero-lero, porque ao menos alguma coisa a gente tem em comum. (Ajeita-se e fala em tom de proclamação) Senhoras e senhores, convosco, o maior espetáculo da terra: O Maravilhoso Mundo do Circo.

Música 2001 Uma Odisséia no Espaço em volume altíssimo. Entram pelo corredor, Anastácio, Jurema e Maria, como se fossem macacos, presos por uma enorme corda. Apalpa e tomam contato com o público em sinal de carinho. É o alvorecer da raça humana. Aos poucos vão se desvenclhando da corda e assumindo posturas e maneiras de "humanos" até formarem um quadro estático, como se fora uma típica foto de família. Jurema está grávida.

Nisso entram os paranóicos sexo I e II, dirigem-se até os manequins e os colocam no centro. Coreograficamente os paranóicos representam todo o jogo do sexo, enquanto o paranóico professor fala.

PARANÓICO PROFESSOR: A reprodução humana consiste em primeiro passo no ato da cópula, também conhecido por ato sexual e grosseiramente apelidado de trepada. O ato sexual em si consiste na introdução do órgão sexual masculino, o pênis, dentro do órgão sexual feminino, a vagina. Claro que existem muitas variações por aí. Através deste contato bastante íntimo os parceiros excitam-se e atingem um climax chamado orgasmo. Nem sempre a fêmea atinge este estado de êxtase, e os machos, contudo, quase sempre o alcançam, e aí ocorre a ejaculação, ou se preferirem, a famosa esporreada. Consiste num líquido de aspecto leitoso, não transparente e de cor branca, que vem assim ó... carregadinho de espermatozoides. O espermatozoide é a célula reprodutiva masculina, e visto no microscópio parece um cachorrinho, porque anda sempre abanando o rabinho. Milhares e milhares de espermatozoides são lançados em uma única ejaculação, mas apenas um deles será o felizardo vencedor que irá fertilizar isso é, fecundar o óvulo, que é a célula reprodutiva feminina. Isso explica o porquê, da nossa sociedade ser tão competitiva. É que nós conservamos, o espírito lutador e competitivo do espermatozoide e o espírito individualista do óvulo, mesmo depois de adultos. Imaginem vocês se os espermatozoides não fossem lutadores e em vez de irem brigar pelo óvulo, ficassem sentados numa coxilha qualquer do útero, tomando

chimarrão e contando causos, o que seria da raça humana? (completamente sério e seco) Por isso todos devem ser como os espermatozoides: - Vencermos os outros para não sermos vencidos. Eu quero que me tragam sugestões para as aulas práticas a respeito deste assunto que acabamos de abordar. Um bom fim de semana para todos e até segunda-feira.

Os paranóicos sexo, separam-se, colocando os manequins nas laterais do proscênio. Ouve-se uma música suave.

Jurema começa a sentir as dores do parto. Anastácio e Maria a ajudam. A música, antes suave, começa a ser mesclada com os sons do cotidiano das pessoas: trânsito, engarrafamento, multidão, fabricas, etc. O som torna-se cada vez mais alto e contínuo, misturando-se com os gritos de Jurema. Ouve-se o choro de uma criança. Jurema entre gritos dá a luz a um litro de coca-cola. Jurema abraça e beija o litro carinhosamente. Anastácio abre a garrafa e serve os espectadores.

JUREMA: Minha filha, o papai ea mamãe vão trabalhar. Cuida direitinho da casa, tá querida.

ANASTÁCIO: Tchuzinho, filha. Você já reparou que ela está ficando uma mocinha?

Maria pega a sua vassoura ea segura estática, como que a ostentar a sua "arma".

LEKUS: UM dia, em um ponto qualquer de uma vagina um pênis arrotava a desilusão de seus sonhos perdidos... (pausa risada suave e nervosa). Vocês não devem pensar que eu sou uma pessoa triste e desiludida, ou ainda, que eu sou uma pessoa podre, suja... Seilá. Mas aconteça que eu estou preocupado, sabe? É, eu passei no vestibular e agora não sei o que vou fazer. É como se eu tivesse caminhado toda a minha vida de novo. É como se eu tivesse que reestruturar toda a minha existência daqui pra frente. (pausa) Não, não pô. Eu não quero que vocês se preocupem com isso. Afinal de contas o que vocês todos poderiam ganhar, se preocupando com os meus problemas, se não conseguem resolver os seus. Não, porra! Quem está preocupado sou eu. Está certo que eu estou me metando, mas a preocupação é minha não de vocês. (pausa) A menos... que vocês estivessem preocupados comigo. Mas seria um absurdo, não há motivos para isso. Afinal eu não os conheço e nem vocês me conhecem. (pausa) O problema é

que eu não sei porque nasci. Eu não sei o que pensavam os meus pais. Será que eles se amavam mesmo? Será que eles me queriam? Ou será, que eles só fizeram amor e por uma circunstância me fizeram também, iludidos um com o outro, trapaceando a si próprios. Eles só me puseram no mundo e me disseram que este mundo tinha leis, e que eu devia obedecer essas leis. Mas eles nunca me disseram porque eu estava aqui, e nem porque o mundo é do jeito que é. (pausa)

(Os paranóicos começam a falar em vários tons e mesclando as vozes: Pai, opai - Mãe, mãezinha. Lekus fala como se fora seus pais.)
Vai...vai...filho, agora tu faz parte do grande circo. (paranóicos chamam: Brasil... Brasil) Partições do grande espetáculo da terra. Quem entra não pode sair, filho. Tu és fruto do nosso amor viu, filhinho. (pausa). Mas isso tudo me parece tão pouco...tão pouco.

Maria está as voltas com uma lata de lixo, uma vassoura e uma pá. Toda atrapalhada recolhendo o lixo que não existe. Maria varre absurdamente, mas não recolhe. Será que é o lixo que Maria tenta recolher?

Enquanto Maria varre entra o paranóico cantor, mas eles não se relembram. Lekus fica comendo bananas e jogando as cascas no chão.

LEKUS: O mundo está um saco e em cada saco está um mundo. O mundo está uma merda. Viva a merda (olha para Maria, mas como ela continua a varrer, não lhe dá atenção.) Merda, uma grande e maravilhosa merda.

MARIA: Merda? (pausa) Merda.

LEKUS: Um momento.

MARIA: Sim...

LEKUS: Tu disse que é uma merda?

MARIA: E daí?

LEKUS: E daí que eu disse que é realmente uma verdadeira merda.

(Maria dá uma risadinha e Lekus torna a atirar as cascas no chão)

MARIA: Ei? O que é isso que você está fazendo?

LEKUS: Comendo bananas, ora.

MARIA: E como você resolve fazer uma coisa dessas, na casa dos meus pais sem pedir licença para a minha exelentíssima, pessoa.

LEKUS: É que eu pensei...

MARIA: Você não pensou nada. Acontece que está sujando o apartamento.

LEKUS: O, quê?

MARIA: É isso aí mesmo você está sujando o nosso apartamento.

LEKUS: Você chama isso de apartamento?

MARIA: Chamo sim, e daí? Digamos que seja um apartamento universal.

LEKUS: Tá bom, eu aceito a desculpa.

MARIA: E quem está se desculpando?

LEKUS: Você, ora...

MARIA: Mas que audácia, seu metido.

LEKUS: (debochando) Mas que audácia seu metido.

MARIA: Cala essa boca!

LEKUS: Não calo!

MARIA: Cala! (mais alto)

LEKUS: Não calo! (mais alto)

MARIA: Cala (gritando)

LEKUS: Me dá um beijinho, dá?

MARIA: Ah! Seu depravado.

LEKUS: Eu gostei de ti.

MARIA: Mas o que eu tenho de interessante que possa te interessar?

LEKUS: Bem, talvez tuas...coxas. Esse cabelão preto... a cinturinha fi-
ninha - Alguém já disse que tu é boa, heim?

MARIA: Não.

LEKUS: Então, eu sou o primeiro?

MARIA: Vai embora, suma daqui...

LEKUS: Você é corcunda Maria.

MARIA: O que é que tem isso?

LEKUS: Você é corcunda (começa a rir) Você é corcunda.

MARIA: Sou sim, e daí?

LEKUS: Corcunda... Maria corcunda.

MARIA: Cala a boca seu idiota.

LEKUS: Cala você, sua corcunda.

MARIA: Te manda, vai embora.

LEKUS: Vamo prá's macega, vamo?

MARIA: Você quer pastar?

LEKUS: Não é bem isto... Corcundaaa! Corcundaaa...

PARANÓICCS: Corcundaaa... Maria corcundaaaa...

MARIA: Não, não.

LEKUS: Não adianta negar Maria, você é corcunda...

PARANÓICO: Há uma porção de vermes sobre o meu corpo e suas mãos... Ah! Suas belas mãos como que espadas sobre um delírio...

LEKUS: Eu não quero Maria que a tua mutilação, seja tão grande quanto a minha.

PARANÓICO: E suas mãos como insetos lívidos sobre um horizonte.

LEKUS: Tudo é uma dança... Uma grande dança.

PARANÓICO: E quando todos os teus mundos fracassarem, uma nova porta se abrirá para o nada.

LEKUS: Eu quero apenas que você sinta.

MARIA: Não Lekus, não...

PARANÓICO: Não, não.

LEKUS: Não há nada aqui, Maria. Tu já não podes mais te esconder e os teus sonhos não existem.

MARIA: Não.

LEKUS: Estão todos... Podres.

PARANÓICOS: Podres.

LEKUS: E ternos.

PARANÓICO: E TERNOS.

LEKUS: Podres e ternos

PARANÓICO: Podres e ternos.

LEKUS: Eles te acariciam Maria?

PARANÓICO: Maria, Mariaaaa...

LEKUS: Corcunda, corcunda.

(cria-se uma mistura de vozes e gritos. Maria vai encolhendo-se)

Venha Maria, venha . (Maria arrasta-se pelo chão a gritar) Te falta coragem eu sei.

MARIA: Não...

(O paranóico palhaço atravessa o palco puxando um carrinho)

LEKUS: Escuta o sol, Maria. Ainda existe a vida. A vida existe... (É atropelado pelo paranóico palhaço). O paranóico Socorro imita uma ambulância, vai até Lekus e leva-o fazendo o barulho da sirene.

Anastácio e Jurema entram. Estão mais velhos.

ANASTÁCIO: Olá, filhinha.

JUREMA: Vamos, acorde, querida.

MARIA: Ah! Papai, como é que foi a resposta. Eles mandam?

ANASTÁCIO: Mandaram sim, minha filha, você passou!

JUREMA: Nós estamos tão contentes, filhinha...Você conseguiu, você conseguiu.

ANASTÁCIO: Este é um dia muito importante para nós.

ANASTÁCIO E JUREMA: Nós não tivemos esta oportunidade, mas nossa filha vai ter.

JUREMA: Eu espero, minha filha, que você esteja preparada e consciente da enorme responsabilidade que hoje pessa a pessar sobre teus ombros.

ANASTÁCIO: O bom nome de nossa família. Construa o teu futuro com força e vigor. Fornece o mais rápido possível.

JUREMA: Nós confiamos em ti. Essa faculdade vai ser muito boa. Vais conhecer novas pessoas.

ANASTÁCIO: Lá tem uma grande biblioteca.

JUREMA: De livros encadernados.

ANASTÁCIO: Leia bastante, leia muito. Mas, muito mesmo.

JUREMA: Leia o Pequeno Príncipe.

ANASTÁCIO: Leia Camões, Os Lusíadas.

JUREMA: A Moreninha, de Joaquim Manuel de Macedo.

ANASTÁCIO: E Iracema de, de José de Alencar.

JUREMA: O teu futuro será grande minha filha, imenso.

ANASTÁCIO: E eternamente dourado de borboletas coloridas. Um trabalho honrado, honesto,

JUREMA: e lucrativo.

ANASTÁCIO: Uma TV a cores Telefunken...

JUREMA: um apartamento requintado....

ANASTÁCIO: E um carro moderno Volkswagen...

JUREMA: Uma máquina de lavar roupas Brastemp...

ANASTÁCIO: Um sofá modulado, de boa marca...

JUREMA: Uma máquina de costura Singer Facilita...

ANASTÁCIO: E irmão ~~na~~ sucesso com Hollywood...

JUREMA: Um bom moço, de uma boa família...

ANASTÁCIO: Vai se casar com você.

JUREMA: Uma bateadeira Wallita Topa Tudo e um secador arno para os seus lindos cabelos.

ANASTÁCIO: Aos sábados irão ao Multicine.

JUREMA: Um ar condicionado Admiral.

ANASTÁCIO: Tomarão Coca-cola.

JUREMA: Comerão Hot dog.

8

ANASTÁCIO: E usarão US TOP.

JUREMA: Aparecerão nas colunas sociais.

ANASTÁCIO: Toda a semana um jantar no Rotary Club.

JUREMA: E você ajudará os pobres, organizará chás beneficentes.

ANASTÁCIO: Como você é bondosa filhinha.

JUREMA: E prendada, também.

ANASTÁCIO: Evite os tóxicos, não fume e não beba, a não ser em oportunidades sociais. O teu futuro será lindíssimo.

JUREMA: E cheio de eletrodomésticos de todos os tipos.

ANASTÁCIO: Agora vá, filhinha.

JUREMA: Não esqueça de escrever, meu bem.

JUREMA E ANASTÁCIO: Nós te amamos.

Anastácio e Jurema colocam Maria dentro de uma caixa, enrolam-se na enorme corda e saem pelo corredor, envelhecendo gradativamente. Entram os paranóicos e Lekus como macacos e fazem verdadeiras loucuras no palco. A cena transforma-se numa mistura de vozes, ^{formas} gemidos, sons, danças e ect. Lekus grita: Liberdade, ainda que tardia... Os paranóicos o atacam horripelantemente. Ouve-se um rufar de tambores e os paranóicos e toda a cena fica estática e muda. Os paranóicos saem perfilados e com movimentos grotescos. Lekus fica estendido no chão com o corpo e o rosto manchados de sangue. Lekus contorce-se e geme de dor. Maria levanta-se na caixa e completamente apavorada ficá a observar Lekus. Ouve-se os sons de um bombardeio e por fim um forte vento que vai predominar toda a cena.

LEKUS: (baixinho, aumentando aos poucos) Uma vez um, é igual a um, uma vez dois, é igual a dois, uma vez três é igual a três... Uma vez dez é igual a dez, dez vezes dez é igual a cem, cem vezes dez é igual a mil, mil vezes mil é igual... Um vez um é igual a um.

Eu não tenho segredos escondidos, fechados, aqui comigo. Eu não tenho sonhos. Eu não tenho desejos. Eu apenas tenho os meus ouvidos, quando me deixam ouvir. Eu apenas tenho a minha boca quando me deixam falar. Eu não tenho medo. Eu não tenho ódio. Eu apenas tenho um mundo, fechado pulsando dentro do meu peito. Eu não tenho ilusões. Eu não tenho sentidos. Eu apenas sinto o mundo das coisas vivendo e a sua vida escorregandê entre os meus dedos. E essa vida é tanta, essa vida que

pulsa, que não existirão forças que a destruam. Não destruíra a minha esperança de homem o atropelo irritante das máquinas em desespero. E a chama da loucura acende-me no peito uma luta- essa luta comum pelas coisas do homem e da terra e da própria solidão extraio um grito em berros para a única e verdadeira liberdade possível...(grita desesperadamente) Estamos profundamente imersos dentro de nossas próprias solidões. Gerações futuras não de julgar um dia a nossa culpa ou a nossa inocência.

MARIA: Porque eles fizeram isso contigo Lekus? Você também foi a escola não foi? Eles também te educaram? Eles te ensinaram a ser escravo, não ensinaram? Ensinaram a crer na mentira não foi? Você falou coisas tão lindas... Você me ensinou que nós fomos cuspidos aqui e que era melhor ficarmos calados, que a nossa meta era o estudo e o trabalho e nós devíamos comprar, comprar, comprar... (pausa) É, Lekus... As cidades são frias.

LEKUS: Mas não se compara jamais ao frio dos seres que nelas habitam. (pausa) Você... não está escutando?

MARIA: O quê?

LEKUS: O vento... Essa loucura trêmula que está zunindo.

MARIA: O vento...

LEKUS: Sobre as árvores, nas folhas, brincando... Ele está alí vivendo. Puxa, o vento é uma coisa viva. E essa vida ninguém tira, ninguém, Maria.

MARIA: É o vento é uma coisa viva (entram em extase).

LEKUS: Você está sentindo também?

MARIA: Sim, Lekus, eu estou sentindo...

LEKUS: Como se as nossas asas fossem asas abertas na imensidão do espaço...

MARIA: Voando...

LEKUS: Sombras doces dentro da luz.

MARIA: E esse brilhante na tua cabeça... Como ele está brilhando...

LEKUS: Quietamente e solitário...

MARIA: Subindo....

LEKUS: Subindo...

MARIA: ~~Ele está~~ ^{E lá} embaixo da cidade...

LEKUS: Com suas plantas e com seus muros.

MARIA: E com seus mundos...

MARIA: Rumo ao verdadeiro destino do povo...

LEKUS: Para a liberdade.

MARAI: A maior de todos...

LEKUS: Aquela **que** está dentro de nossas cabeças...

MARIA: E refletida em nossos olhos...

LEKUS: A angústia e o desejo de nos igualarmos.

MARIA: Em defesa de nossas características humanas.

LEKUS: Em luta contra a mecanização dos sentimentos.

MARIA: Para que todos possamos ter então o pleno conhecimento da palavra.

LEKUS: Do amor...

MARIA: Do amor...

LEKUS: Esse verdadeiro amor que nos une e não nos separamos jamais nos rumos de eternidade.

(Enquanto Lekus e Maria dizem estas últimas falas, os outros atores vão entrando em cena completamente relaxados, tirando suas maquiagens, as suas roupas etc. Todos colocam-se ao redor da TV, inclusive Lekus e Maria. Ficam estáticos por alguns segundos, mas com toda a expressão possível nos rostos. De repente o paranoico espectador, que durante toda a peça esteve olhando a TV, levanta-se, empurra a TV até o centro do proscênio (black out), apaga as velas, aumenta o volume ao máximo. Ve-se somente a TV ligada e o seu som irritante.

LEKUS: Seus complexos mundos humanos...

MARIA: Doentios.

LEKUS: Decadentes. (ouve-se um rufar de tambores seguido de marcha).

LEKUS: Psiu!...

MARIA: O quê, Lekus?

LEKUS: São eles, Maria... Eles estão voltando.

MARIA: Será mesmo, Lekus? Porque eles tem de vir logo agora, porque?

LEKUS: São eles sim... marchando... marchando...

MARIA: Eu estou com medo, Lekus.

LEKUS: E é esse medo que os tornam mais fortes... é, eles vem para liquidar com todos os nossos sonhos e sentimentos mais humanos, para que nós passemos a ser exatamente aquilo que eles/querem. Um fantoche a mais dentro da imensa massa humana da terra. (muge).

MARIA: Mas talvez eles não venham, Lekus.

LEKUS: Sim, talvez eles não venham.

MARIA: Talvez tudo tenha mudado, entende? Talvez tenham deixado de existir a repressão às idéias novas, que antes havia. Talvez nossos pais não tenham mais medo. Talvez nós não tenhamos mais medo. (pausa) Talvez agora possamos ser "povo". Talvez estajamos realmente na chamada democracia, e o colonialismo das multinacionais seja uma coisa passada, e que não é mais protegida por aqueles que nos governam. Talvez tudo tenha realmente mudado, Lekus.

LEKUS: Chegou a hora de tirar as correntes.

MARIA: Tirar as correntes...

LEKUS: Sim, tirar as correntes que prendem o corpo e os atos de cada um. Tirá-las.

MARIA: Para que então o mundo seja único.

LEKUS: Total e único.

MARIA: Tirar as correntes.

LEKUS: Num único gesto de justiça e amor...

MARIA: Formando com todos uma única e verdadeira corrente...

LEKUS: A invensível corrente dos homens humanos...

MARIA: Que nos une agora...

LEKUS: Em nossos corações.

MARIA: E em nosso sangue.

LEKUS: No retumbar contínuo de nossas artérias...